

**Luciene Ferreira da Silva Guedes**

A CONSTRUÇÃO DE HABITUALIDADE INCEPTIVA NO PORTUGUÊS DO BRASIL:  
UMA ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVA

Juiz de Fora

2006

**Luciene Ferreira da Silva Guedes**

A CONSTRUÇÃO DE HABITUALIDADE INCEPTIVA NO PORTUGUÊS DO BRASIL:  
UMA ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVA

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Ciências Humanas e de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, área de concentração Lingüística, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Maria Margarida Martins Salomão

Juiz de Fora

2006

**Luciene Ferreira da Silva Guedes**

A CONSTRUÇÃO DE HABITUALIDADE INCEPTIVA NO PORTUGUÊS DO BRASIL:  
UMA ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVA

Dissertação de Mestrado submetida ao Instituto de Ciências Humanas e Letras, UFJF, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras e aprovada pela seguinte banca examinadora:

---

Professora Doutora Maria Margarida Martins Salomão – UFJF  
ORIENTADORA e PRESIDENTE

---

Professora Doutora Maria Lúcia Leitão de Almeida – UFRJ  
MEMBRO TITULAR EXTERNO

---

Professora Doutora Neusa Salim Miranda – UFJF  
MEMBRO TITULAR INTERNO

Juiz de Fora, Dezembro de 2006

## AGRADECIMENTOS

A Deus, minha inesgotável fonte de vida e sabedoria.

À coordenação do Programa de Pós-graduação em Letras pelo apoio e atenção.

Aos meus professores, grandes mestres, pelos conhecimentos valiosos e, principalmente, pela lição de vida que cada um deixa transparecer.

À minha inesquecível turma do mestrado, Azussa, Bethânia, Glauce, Lílian, Luciana Arruda, Luciana Genevan, Mônica, Patrícia, e Roberto, companheiros de caminhada, de lutas e de vitórias.

À minha Orientadora, Professora Margarida Salomão, que me honrou com a oportunidade e o prazer de aprender, por suas mãos, a ser uma pesquisadora, e pelo apoio e motivação que me permitiram seguir nesta empreitada.

Aos meus amigos que direta ou indiretamente sempre desejaram meu sucesso e são, de certa maneira, responsáveis por mais esta vitória.

À minha família, pai, mãe, tia, irmãos e sobrinhos, por suportarem a distância, acreditarem na minha capacidade e por serem o meu alicerce em todos os momentos.

Ao meu marido, Mairton, pela compreensão, incentivo, por ser meu exemplo de força e coragem, por nunca me deixar fraquejar e, principalmente, por demonstrar que o verdadeiro amor realmente vence todas as barreiras.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo uma construção específica que compõe a rede construcional com o verbo *dar* em PB expressa através de uma perífrase da acepção aspectual - a Construção Habitual Inceptiva. Nosso estudo faz uma reanálise da tese de Salomão (1990) para esta construção. A partir das premissas teóricas do sociocognitivismo, postulamos que a Construção Habitual Inceptiva é uma Construção do Português do Brasil; para tanto, buscamos reconhecer a relação entre essa construção e as outras construções da rede com *dar* em PB e os elos de herança e motivação que a instanciam através da mesclagem conceptual, explicitando as especificidades desta construção que lhe garantem a identidade única.

## **ABSTRACT**

This dissertation studies a specific grammatical construction in Brazilian Portuguese - the Inceptive Habituality Construction, the verb “dar”, ‘give’, in Portuguese. It shows that the construction inherits from three others, namely a Modal Construction, also expressed with ‘give’, a Factivity Construction, introduced by the Perfectivity marker, and a Topicalization Construction, via word order. The dissertation findings are relevant both to studies in grammaticalization as in Construction Grammar theory.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
2. A GRAMÁTICA NA PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA SOCIOCOGNITIVA	10
2.1. Sintaxe e semântica nas abordagens tradicionais	10
2.1.2. A concepção sociocognitiva	12
2.1.3. Noção de foco e perspectiva	13
2.2. A motivação conceptual da gramática	18
2.2.1. A gramática como uma rede de construções	21
2.3. Projeções figurativas: metáfora, metonímia e mesclagem conceptual	25
2.4. Arquitetura Paralela	31
2.5. O processo de gramaticalização	35
2.5.1. Gramaticalização e forma gramaticalizada	37
2.5.2. Mecanismos da gramaticalização	38
3. ASPECTO	40
3.1. Considerações preliminares	40
3.2. Tempo e Aspecto	41
3.2.1. Aktionsart	42
3.3. Perfectivo e Imperfectivo	44
3.3.1. Habitualidade	47
3.3.2. A categoria da Habitualidade no PB.	48
3.3.3. Inceptividade	51
4. MOTIVAÇÃO E CATEGORIA RADIAL: CONSTRUÇÕES COM O VERBO “DAR” NO PORTUGUÊS DO BRASIL	56
4.1. Primeiras considerações	56
4.2. A proposta de uma rede construcional	57
4.2.1. A construção central e os seus subcentros	59
4.2.2. Os subcentros	63
4.2.2.1. O subsistema de CAUSAÇÃO	63
4.2.2.2. O subsistema de MOVIMENTO	65
4.2.2.3. O subsistema de TRANSFERÊNCIA (METAFÓRICA) DE RECURSO	66
4.2.2.4. O subsistema de AÇÃO	67
5. ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DE HABITUALIDADE INCEPTIVA	69
5.1. Quadro hipotético	69
5.1. A construção Habitual Inceptiva	70
5.2.1. A semântica da construção	72
5.2.2. Sintaxe da Construção	79
5.3. Outras construções Inceptivas com dar.	81
5.3.1. A construção Inceptiva dar em	81
5.3.2. A construção Inceptiva dar de	82
5.3.2. Por que todas estas construções?	83

5.4. O processo de gramaticalização na rede	84
6- CONCLUSÕES	85
BIBLIOGRAFIA	88
APÊNDICE	92

## 1- INTRODUÇÃO

O presente estudo toma como objeto um conjunto de construções do Português do Brasil expressas através de uma perífrase da acepção aspectual de Habitualidade Inceptiva, altamente produtivas no uso corrente. Esta construção pertence a um subcentro dentro da rede construcional com o verbo *dar* em PB, ilustradas pelos seguintes exemplos:

- (1) *Ela também deu pra ficar mais tempo acordada que dormindo e está ocupando.* (AP.5)<sup>1</sup>
- (2) *Absurdamente, ele deu pra ser muito, muito amoroso comigo, o meu filho.* (AP.18)
- (3) *O Ex deu pra ter crise de consciência.* (AP.26)
- (4) *Você deu pra ler poesia agora, Irani?* (AP.53)
- (5) *Agora ele deu pra dançarino.* (AP.81)
- (6) *Depois de seduzi-la por meses até fazê-la reavaliar uma reconciliação, agora deu pra se fazer de gostoso, não atender telefonemas.* (AP.87)
- (7) *Agora deu pra chover todo o dia.* (AP.76)

---

<sup>1</sup> Esta identificação refere-se aos exemplos retirados da WEB e que estão relacionados no apêndice.



Nosso estudo trata as especificidades sintáticas, semânticas e pragmáticas dessa construção lançando mão dos pressupostos do *sociocognitivismo*, buscando reconhecer a motivação conceptual subjacente ao seu uso. Nesse sentido, postulamos que tal construção constitui um caso de herança múltipla de outras construções: a construção Modal Habilitativa, a construção de Topicalização e a construção Factiva, sendo que seu esquema sintático-semântico mescla essas três construções. Além disso, a Construção Habitual Inceptiva sustenta uma Habitualidade inerente, que não se resume à mera repetição de uma situação, e, diferentemente de outras habituais, possui o foco na Resultante deflagrada.

A fim de se chegar a essa análise, recorreremos principalmente aos trabalhos de Lakoff, Fauconnier, Fauconnier & Turner e Goldberg cujas abordagens são revisitadas no capítulo 2 desta dissertação. Buscamos complementar essas concepções com a Hipótese da Arquitetura Paralela proposta por Jackendoff, que se mostra convergente com a análise construcional, e com uma breve recensão dos estudos funcionalistas e tipológicos da gramaticalização, visto que nossa construção é uma expressão perifrástica da acepção aspectual Habitual Inceptiva, que se gramaticalizou dentro da rede construcional que emprega como predicador o verbo *dar*.

Nosso capítulo 3 se ocupa do recenseamento da literatura clássica do Aspecto, considerando as acepções de Comrie, e, também, de alguns tratamentos do Aspecto em Português, além das considerações de Salomão (1990) sobre esta categoria.

No capítulo 4, resenhamos brevemente a tese de Salomão (1990), destacando, principalmente a rede construcional com o verbo *dar* em PB, e seus subcentros motivados.

A partir desse arcabouço teórico, passamos, no capítulo 5, a análise específica da construção Habitual Inceptiva, empreendendo uma reanálise da tese de Salomão (1990) para esta construção, reconhecendo a relação entre essa construção e as outras construções da rede

com *dar* em PB e os elos de herança e motivação que a instanciam. Em suma, buscamos em nossa análise explicitar as especificidades desta construção que lhe garantem a identidade única.

Acreditamos que nosso trabalho se faz relevante pois devotamo-nos a descrição dos fenômenos lingüísticos típicos do Português falado no Brasil; tratamos nesta dissertação da categoria gramatical do Aspecto, fenômeno este pouco estudado no Português do Brasil em função da sua relativa opacidade formal, ou seja, é fundido com Tempo, Modo, Classe Morfológica; buscamos apresentar evidências que corroborem a hipótese sociocognitiva da continuidade essencial entre léxico/morfologia e sintaxe. E dessa forma, oferecemos argumentos materiais que contribuem para a concepção da linguagem como uma rede construcional.

## **2. A GRAMÁTICA NA PERSPECTIVA DA LINGUISTICA SOCIOCOGNITIVA**

### **2.1. Sintaxe e semântica nas abordagens tradicionais**

Grande parte dos desenvolvimentos da lingüística no século XX, empreendidos principalmente pelas vertentes estrutural e gerativa, seus grandes pilares, consolidaram-se sob uma visão abstrata, universalista, sistêmica e formal do objeto da lingüística. Para os estudos da linguagem, inauguram a “era da forma” (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 03).

Com efeito, é clara a autonomia atribuída à faculdade da linguagem e aos fenômenos lingüísticos em si, que, sob esta visão, são descritos como se fossem alheios às outras capacidades humanas. Não obstante, é inegável a contribuição dessas vertentes à lingüística contemporânea, razão pela qual passamos a considerar certos aspectos fundamentais de ambas, ainda que sucintamente.

Saussure, ao adotar a *langue* como objeto de investigação, lança mão do conceito de sistema, apreendendo a realidade social como um conjunto formal de relações. Segundo sua definição "a língua é produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos

indivíduos" (SAUSSURE, 1975 [1916], p. 17). Assim, “a língua é exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la, ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade” (SAUSSURE, 1975 [1916], p. 22). Nesse sentido, o estudo da linguagem restringe-se às estruturas lingüísticas e à maneira como as mesmas se relacionam dentro do sistema.

Chomsky, embora sustente uma análise formalista estrutural dos fenômenos lingüísticos, empreende uma ruptura epistemológica com esta tradição ao conceber que o objeto da lingüística não é a *langue*, mas a *competência* lingüística de um falante-ouvinte ideal situado numa comunidade de fala homogênea. Assim, adota uma teoria lingüística mentalista na medida em que objetiva descobrir a realidade mental subjacente ao comportamento efetivo (CHOMSKY, 1975 [1965], p. 83-84).

Ancorado nas teorias de cunho racionalista, Chomsky idealiza um sujeito dotado geneticamente de um módulo cognitivo autônomo, responsável pela aquisição da linguagem, definido de forma descontextualizada, embora ativado pelo uso.

A aproximação racionalista sustenta que, para além dos mecanismos periféricos, existem idéias e princípios inatos de vários tipos que determinam a forma do conhecimento adquirido dum modo que pode ser considerado bastante restritivo e organizado. Uma condição para que os mecanismos inatos sejam activados consiste na estimulação apropriada (CHOMSKY, 1975 [1965], p. 131-132).

A *infinitude discreta*, ou seja, a geratividade, tema primordial na teoria chomskyana, exhibe uma natureza exclusivamente sintática, algorítmica e composicional, uma vez que a gramática constitui-se num sistema finito de regras responsável pelo poder de gerar um número ilimitado de estruturas lingüísticas.

Sob o viés formalista, portanto, os aspectos pragmáticos e semânticos do uso da língua, a dimensão sociocultural do sujeito e a idiomática inerente às línguas humanas são preteridos como objeto de investigação.

Em função disso, a lingüística cognitiva, herdeira da semântica gerativa, manifesta-se como uma ruptura frente ao paradigma formal, principalmente no que respeita à questão do sentido e das determinações pragmáticas sobre a construção da significação.

### **2.1.2. A concepção sociocognitiva**

O arcabouço teórico da Lingüística Sociocognitiva (SALOMÃO, 1999) ao aproximar linguagem, contexto, pragmática e cognição implica em mudança considerável na orientação dos estudos lingüísticos, na medida em que se dispõe programaticamente a estudar um falante/ouvinte real, histórico, cultural e socialmente inserido.

Em vista disso, a linguagem passa a ser considerada uma capacidade social e cognitiva, e o sujeito passa a figurar ativamente no processo de construção do significado. Nos termos de Salomão (1999), a vertente sociocognitiva define-se por conceber uma linguagem:

operadora da conceptualização socialmente localizada através da atuação de um sujeito cognitivo, em situação comunicativa real, que produz significados como construções mentais, a serem sancionadas no fluxo interativo. Em outras palavras, a hipótese-guia é que o sinal lingüístico (em concomitância com outros sinais) guie o processo de significação diretamente no contexto de uso. Pela sua ênfase equilibrada em todas as fontes de conhecimento disponíveis (gramática, esquemas conceptuais, molduras comunicativas), esta hipótese denomina-se sociocognitiva (SALOMÃO, 1999, p. 64).

Como se pode inferir, tal hipótese advoga em favor da escassez do signo lingüístico, que funciona como uma pista no contexto de uso. Essa caracterização advém do fato de a

hipótese postular a linguagem como parte da cognição, ou seja, contígua a outras semioses e a outros processos cognitivos.

Conforme Fauconnier e Turner (2002, p. 03-15), a tradição anterior toma o significado pela sua representação formal, ignorando que a significação é construída através de operações mentais complexas. A metáfora da “armadura de Aquiles” evoca exatamente este equívoco de tomar o aparato bélico pelo guerreiro – analogia ao equívoco de tomar a “armação do significado” [a expressão simbólica] pelo vigoroso, complexo e oculto processo de construção significativa. Na verdade, cabe à linguagem a função de deflagrar, dentro de um contexto específico, domínios conceptuais sócio-culturalmente constituídos, que progressivamente se especificariam como a significação local, comunicativamente válida.

A fim de ilustrar este programa de estudos, consideremos um caso de Modificação Adjetival como na sentença ‘*mulher boa*’. Caso essa sentença seja proferida por alguém ou alguma entidade que recebeu uma demonstração de sua bondade, provavelmente estará se referindo à sua generosidade pessoal; proferida no local de trabalho onde ela preste um serviço de qualidade, poderá referir-se à sua competência profissional; enunciada por pessoas que levem em consideração sua aparência, pode referir-se aos seus dotes físicos. Desse modo, percebe-se que o significado não é calculável simplesmente a partir da soma das partes constituintes da sentença, mas emerge de um conjunto de pistas, lingüísticas e contextuais, além da perspectiva de quem a enuncia.

Conclui-se que a lingüística sociocognitiva, embora não negue a composicionalidade, admite suas limitações, pois considera um sujeito cognitivo, que possui uma base de conhecimentos construída social e culturalmente, bastante distinto do “falante/ouvinte inocente” nos termos de Fillmore (1979).

### 2.1.3. Noção de foco e perspectiva

A lingüística sociocognitiva considera que o sujeito figura efetivamente no processo de construção do significado, que se dá no curso da interação, na medida em que o falante assume uma determinada perspectiva e age dentro de específica cena comunicativa.

O conceito de *frame*, proposto por Fillmore, no final da década de setenta, traduzido pela lingüística sociocognitiva como enquadre, é essencial no processo de construção do significado, visto que o mesmo implica uma operação de fatiamento de uma cena conceptual em termos da relevância informacional atribuída às dimensões que a compõem. Assim, no curso da interação a expressão lingüística salienta algumas dimensões do processo cognitivo, que são relevantes para a interpretação, e apaga ou desfoca outras (SALOMÃO, 1999, p.43-46).

Como define Salomão (1999, p. 45) enquadrar é estabelecer uma certa projeção sobre um domínio cognitivo determinado; em outras palavras, enquadrar é ter uma perspectiva diferenciada sobre uma determinada situação. Assim, o ponto de vista do participante da interação é fundamental, uma vez que sem a identificação do adequado ponto de vista é possível contribuir equivocadamente a significação.

Em Inglês, Lakoff (2006, p. 28) observa que a expressão *The Wednesday meeting was moved two days ahead* pode possibilitar duas interpretações para o novo dia de reunião: *sexta-feira*, se o intérprete adotar o ponto de vista de Ego avançando sobre a trajetória do tempo, ou, *segunda-feira* se o intérprete adotar o ponto de vista do tempo avançando em direção ao Ego.

Comrie (2001 [1976], p. 4), por exemplo, ao abordar a categoria lingüística do Aspecto, argumenta que a distinção entre Perfectivo e Imperfectivo não é uma diferença objetiva entre situações, pois é possível para o falante referir-se à mesma situação de forma

perfectiva ou imperfectiva sem cair em contradição. Dessa forma, a diferença entre as expressões ‘*ela leu o livro*’ e ‘*Ela estava lendo (quando ele chegou)*’ reside no fato de que enquanto a primeira sentença, Perfectiva, visualiza a situação de fora, como uma situação fechada, a outra sentença, Imperfectiva, adota uma perspectiva interna, ou seja, considera as fases em que o processo se desdobra. Portanto, a distinção entre Perfectivo e Imperfectivo se dá em função da perspectiva comunicativa adotada pelo falante.

O conceito de enquadramento adotado pela visão sociocognitiva considera que bases de conhecimento estruturado (ou *frames*) constituem condição indispensável a qualquer processamento de informação, que é, desta forma, circunstanciado às estruturas de memória pessoal e/ou sócio-histórica.

Em vista disso, a lingüística sociocognitiva concebe que o processamento do discurso implica a ativação de complexas construções cognitivas, que podem ser estáveis ou locais. *Modelos Cognitivos Idealizados, Molduras Comunicativas e Esquemas Genéricos* constituem domínios estáveis de conhecimento que são evocados na representação lingüística e contextual. Os *Espaços Mentais*, doravante EMs, por sua vez, constituem os domínios locais.

Conforme Lakoff (1987, p. 68), o conhecimento humano organiza-se por meio de Modelos Cognitivos Idealizados, ou MCIs, modelos mentais do mundo, criados em função das experiências corporais, sociais, históricas e culturais dos usuários da linguagem. Assim, os MCIs se configurariam como estruturas de memória pessoal ou social.

Para Lakoff (1987, p. 74-76), estruturas categoriais e efeitos prototípicos são produtos dessa organização. O conceito de *mãe*, por exemplo, possui um sentido central, prototípico, que envolve uma complexa combinação de vários modelos individuais, tais como: mãe é quem dá a luz, quem contribui com os genes, quem cria, que é casada com o pai. A partir desse MCI básico, outros conceitos são construídos como *mãe adotiva, mãe de aluguel, mãe biológica, mãe solteira, etc.*



As molduras comunicativas, conforme Salomão (1999, p. 30 e ss.), presumem a definição das identidades dos participantes na interação, dos papéis sociais que eles desempenham, do tipo de simetria das relações sociais entre eles, do tipo de agendas que organizam os encontros. Os esquemas genéricos, por sua vez, são esquemas conceptuais representados de forma mais abstrata. Caracterizam-se pela flexibilidade de sua instanciação, de acordo com as necessidades locais manifestadas.

Os Espaços Mentais, que constituem os domínios locais, são estruturas mentais que pertencem à memória de trabalho; são, pois, instáveis e transitórios, variando com o fluxo discursivo.

Conforme Salomão (1999), em sua revisão do trabalho de Fauconnier (1994; 1997), os EMs organizam-se internamente por meio dos domínios conceptuais mais estáveis (MCIs, molduras comunicativas, esquemas genéricos), e, externamente encontram-se ligados uns aos outros por conectores, ou seja, marcas lingüísticas e contextuais, que relacionam elementos através de espaços.

Os espaços criados no decorrer do discurso formam uma complexa rede hierárquica: um espaço é capaz de gerar outros espaços distintos que podem entrar e sair de foco, conforme a dinamicidade dos processos do pensamento que, por sua vez, se manifestam através da linguagem.

Numa rede, cada espaço possui características próprias, ou seja, distingue-se dos outros através da função que cumpre no processo discursivo. Em qualquer ponto do discurso pode ser instanciado um espaço BASE, que ancora o falante, ou seja, incorpora sua perspectiva sobre a situação comunicativa (participantes e tipo de evento), assim como o seu ponto de vista cognitivo. O espaço BASE é responsável por desenvolver o espaço FOCO, que indica qual espaço está ativo num dado momento do discurso, isto é, qual é a informação saliente, mais importante, naquele instante.

Os espaços mentais são estruturados, segundo Fauconnier (1997, p. 40), através de construtores de espaços (*space builders*), que são expressões gramaticais (expressões nominais, verbais, preposicionais e adverbiais) incumbidas de abrir um novo espaço ou de mudar o foco entre os espaços existentes.

Veja-se o exemplo “no meu tempo, a escola pública era boa”. Nessa sentença tem-se como *space builder* a locução adverbial *no meu tempo*, que introduz o espaço mental Passado (P), diferindo do espaço base (B), onde figura a entidade *a* (escola pública) e tem sua contraparte identificada por *a'*. De acordo com a proposta de Fauconnier 1994, 1997, a formalização dessa sentença supõe as seguintes relações:

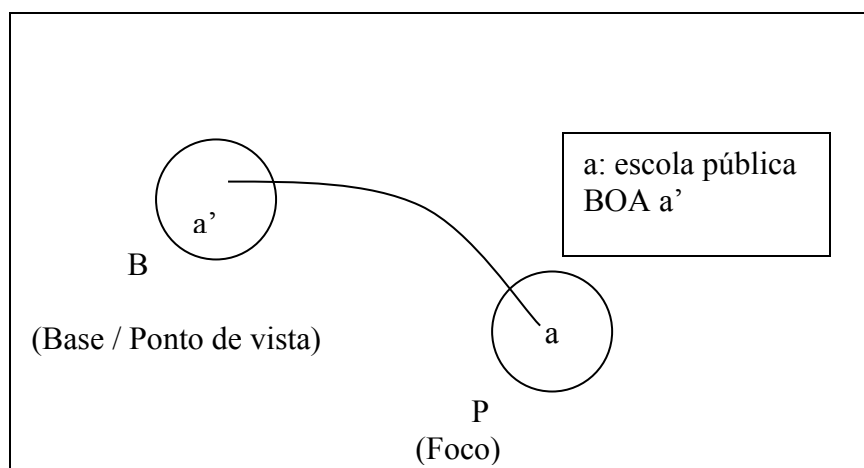


Figura 1

A configuração representada acima, entretanto, é um exemplo de operações bem mais complexas, que foram aprimoradas em Fauconnier e Turner 2002, tal como apresentar-se-á na seção que encerra projeções figurativas.

Na perspectiva de Jackendoff (2002, p. 408-416), o FOCO é codificado pela estrutura conceptual através da camada da estrutura informacional. A estrutura informacional preocupa-se com o fluxo de informação na interação falante/ouvinte – os meios pelos quais o falante quer informar ao ouvinte, ou seja, aquilo para que o falante quer sensibilizar o ouvinte: qual é

a informação mais relevante, mais nova ou já conhecida ou facilmente recuperável no contexto. Portanto, Jackendoff converge com os lingüistas cognitivos na preocupação com a codificação do ponto de vista e, sinteticamente, estabelece o seguinte leque de distinções:

i) FOCO SIMPLES:

- *Quem tava no show?*

- *O João.*

ii) FOCO RESTRITIVO:

- *Quem tava no show? O João, o Pedro ou o Thiago?*

iii) FOCO CONTRASTIVO:

- *Quem tava no show? O João ou o Pedro?*

iv) FOCO METALINGÜÍSTICO:

- *Eu não falei LOBO, eu falei BO-LO.*

## **2.2. A motivação conceptual da gramática**

As concepções de sentido e linguagem adotadas pela lingüística sociocognitiva divergem claramente do modelo gerativista chomskyano, tal como exposto nas seções anteriores. A teoria lingüística, nesta concepção, não imputa à sintaxe exclusividade na geração da linguagem; mas postula uma geratividade manifestada em diversos domínios, sem estabelecer fronteiras rígidas entre fonologia, sintaxe, morfologia, semântica e pragmática.

A concepção de gramática adotada pelos cognitivistas procede principalmente dos estudos de Langacker (1987) e Lakoff (1987), cujas abordagens, embora distintas, argumentam em favor de uma gramática motivada conceptualmente, definida por seu caráter simbólico. Nessa perspectiva,

a gramática é, essencialmente, uma estrutura simbólica e significativa. Por essa razão, a gramática deve ser explicada em referência ao sistema conceptual que ela expressa e a forma gramatical deve ser analisada como sendo motivada pelo significado que ela conduz. (LANGACKER apud SALOMÃO, 1990, p. 13, grifo do autor)

A questão da motivação da gramática é uma discussão antiga e complexa. Embora Saussure tenha alegado que o signo lingüístico, em sua natureza, é arbitrário, ele, entretanto, reconhece que na relação significado e significante existe a possibilidade de motivação. Entretanto, essa motivação aparece sob o rótulo de **arbitrariedade relativa**, ou seja, palavras como *dez* e *nove*, signos totalmente arbitrários, mantêm com o significado uma relação imotivada; já a palavra *dezenove* apresenta uma arbitrariedade atenuada, uma vez que seu significado deriva das partes que a compõem (SAUSSURE, 1975 [1916], p. 152-155).

Já para a lingüística cognitiva, tal como argumentado por Lakoff (1987, p. 346), a noção de motivação é caracterizada de maneira diferente: trata-se alguma entidade simbólica como sendo motivada quando ela é não arbitrária e não previsível. A motivação não é um fenômeno algorítmico, mas ocupa lugar central na cognição, pois é mais fácil aprender alguma coisa que é motivada do que alguma coisa que é arbitrária.

Na visão de Lakoff (1987, p. 538), a estrutura cognitiva é organizada em termos de *boas gestalts* e variações mínimas das mesmas, o que torna todo o processamento cognitivo fácil de aprender e de usar. Dessa forma, a eficiência cognitiva é maximizada. Quando ocorrem diversas variações mínimas de um modelo cognitivo bem estruturado, o resultado é uma categoria estruturada radialmente.

Ao estudar a rede polissêmica do verbo *dar* no Português do Brasil, Salomão (1990) adota a hipótese que apresenta a gramática como sendo conceptualmente motivada, ou seja, propõe a existência de uma rede construcional, que é uma categoria estruturada radialmente

cujo centro é ocupado por uma construção do tipo *Maria deu um pedaço de bolo para João*, que sustenta o sentido canônico de TRANSFERÊNCIA DE POSSE; as demais construções integrantes da rede são motivadas e baseadas nessa construção central por meio de projeções figurativas metafóricas e metonímicas. Assim, a geratividade, longe de ser um fenômeno algorítmico, se dá através de projeções simbólicas que possibilitam uma irradiação de construções específicas (voltamos a tratar deste tema no capítulo 4 desta dissertação).

As categorias lingüísticas apresentam funcionamento semelhante a outras categorias do nosso sistema conceptual, ou seja, exibem efeitos prototípicos e de nível básico. Assim, uma categoria radial, fundamentada no esquema imagético centro-periferia, estrutura-se a partir de um modelo central que é previsível, ao passo que os membros não-centrais são motivados por este e conservam com ele certas semelhanças.

Sob o viés cognitivista, a composicionalidade é, então, revisitada. Ainda na década de 70, Fillmore (1979) discute diversas expressões, convencionalizadas impossíveis de serem geradas ou interpretadas observando-se princípios de composicionalidade estrita. Desse modo, reinaugura a investigação de fenômenos idiomáticos antes considerados periféricos pela grande tradição dos estudos lingüísticos.

Considere-se o exemplo das Construções Idiomáticas Negativas Enfáticas do tipo *Não vou à festa nem que chova canivete, nem que a vaca tussa, nem que a galinha crie dentes, nem morta, etc.* Tais construções cristalizadas no PB, de modo algum têm seu significado calculado somente das suas partes componentes, mas, numa análise bastante simplificada, são instanciadas sob o padrão “*não Y nem que Z*”, configurando-se como herdeiras das construções de dupla negação e das construções subordinadas concessivas. Contudo, as Expressões Idiomáticas Negativas Enfáticas possuem uma finalidade pragmática específica, com a intenção de atribuir um efeito jocoso e de criar uma situação inusitada expressa pela

oração concessiva<sup>2</sup>. Provavelmente, um padrão abstrato específico permite que construções inéditas sejam instanciadas, tais como, *Não vou nem que Jesus Cristo apareça lá, Não faço nem que a vaca morra de tuberculose*, entre outras.

Ao assumir que a gramática é motivada por fatores lingüísticos, corporais, culturais e sociais, a lingüística cognitiva assume que a forma não é autônoma nem se autojustifica, mas que as línguas se organizam como redes de construções com significados interligados.

Nessa perspectiva, surge a Gramática das Construções. A mesma, por partilhar muitos fundamentos teóricos e filosóficos com a lingüística cognitiva, acaba por constituir-se como a teoria da gramática deste projeto científico.

### **2.2.1. A gramática como uma rede de construções**

Conforme observado na seção anterior, a Gramática das Construções emerge em função da necessidade de se reconhecer que as línguas são constituídas por unidades lingüísticas cuja complexidade não se resume a cálculos combinatórios simples.

Na visão de Goldberg (1995, p. 01-23), as construções gramaticais definem-se como pareamentos forma-sentido, dotadas de significado independentes dos itens lexicais que as instanciam, diferenciando-se entre si quanto à sua complexidade, ou seja, podem ser unidades analíticas em diversos níveis (morfologia, sintaxe ou discurso). Assim sendo, a Gramática das Construções se funda na concepção de que léxico e gramática não se distinguem, ou seja, entende-se a gramática como uma rede de construções, léxico e sintaxe formando um só contínuo. Tal rede, acompanhando Lakoff (1987, p. 462-468), caracteriza-se como uma rede de ligações por herança.

---

<sup>2</sup> Mais detalhes da análise ver GUEDES, L. & MATSUOKA, A. **Análise das construções Idiomáticas Negativas Enfáticas**: uma visão cognitivista. Revista Eletrônica Gatilho, Juiz de Fora, 2005.

Essa concepção é corroborada por estudos realizados recentemente, como a análise de Pulhiese (2004), que toma como objeto de investigação as construções reflexivas que aparecem destransitivizadas, ou seja, sem o pronome reflexivo, dito “expletivo”, chamadas “construções desreflexivizadas”. Nesse escopo, construções do tipo “*Aí eu machuquei no serviço e aposentei por invalidez*”, ao invés de constituírem um caso de variação da valência verbal, como na análise anterior, são motivadas pela reflexiva canônica com foco no resultado da ação e constituem um caso de reenquadramento da cena conceptual.

Os pressupostos de Goldberg (1995), assim como outras investigações acerca da especificação da estrutura argumental, buscam superar as soluções lexicalistas que resolvam este problema aumentando o número de entradas lexicais de um predicado.

Salomão (2002, 2005) reconhece em Português a CONSTRUÇÃO DO PREJUDICADO, que se encontra em oposição à Construção do Beneficiário, configurando-se como uma instância particular da Construção do Objeto Afetado. Vejam-se os seguintes exemplos:

(8) *Ele ainda me bate com o carro, amassa o carro do sujeito e tem a cara de pau de falar que o amassado já tava!*

(9) *Fui fazer um baita discurso sobre o Guga e ele me perde logo na estréia!*

(10) *E agora em 2006 ele me cai de uma árvore e arrebenta a cabeça.*

Conforme Salomão (2002, 2005), uma abordagem lexicalista restringiria a tais usos a aplicação de uma regra lexical à valência intransitiva dos verbos *bater*, *perder* e *cair*, registrando uma valência *ad hoc* para cada um destes diferentes verbos.

Ao assumir a abordagem construcional, Salomão (2002, 2005) estabelece que haja uma configuração sintática, pareada com a indicação pragmático-semântica correspondente,

que poderá ser empregada com qualquer predicado, semanticamente cabível, na circunstância em que o falante queira se apresentar como negativamente atingido pela situação evocada.

Nesse sentido, o tratamento construcional representa um avanço, pois permite reconhecer generalizações, como a CONSTRUÇÃO DO PREJUDICADO, cuja interação com cada um dos verbos considerados compreende uma mudança sintática e semântica.

Na concepção de Goldberg (1995, p. 50), a integração entre léxico e gramática realiza-se respectivamente através da fusão entre as funções dos participantes e as funções argumentais. A fusão entre essas funções é especificada por dois princípios: o *princípio da coerência semântica*, que presume compatibilidade semântica entre as funções, e o *princípio da correspondência*, que expressa a obrigatoriedade da correlação entre as funções. Pode ocorrer tanto a omissão de um participante, como nos casos de Destransitivização do tipo *Ele bebe (Ø) bastante*, *Escrever (Ø) bem não é fácil*, como pode ocorrer o acréscimo de um argumento, como na construção do prejudicado.

Sob essa visão, Salomão (2004) mostra que a Construção Transitiva com sujeito Afetado do tipo ‘*Ele me assou uma picanha no ponto*’ é motivada pela construção Transitiva Canônica ‘*Ele assou uma picanha no ponto*’ e pela Construção do Beneficiário (*para x*), constituindo-se assim, num caso de herança múltipla.

Desse modo, a Construção Transitiva Canônica apresenta como participantes o ASSADOR e a COISA ASSADA, que correspondem respectivamente aos papéis argumentais de Agente e Paciente, que por sua vez mantém uma correlação com a estrutura sintática, ou seja, os papéis gramaticais, como se nota na configuração seguinte baseada em termos goldbergianos:



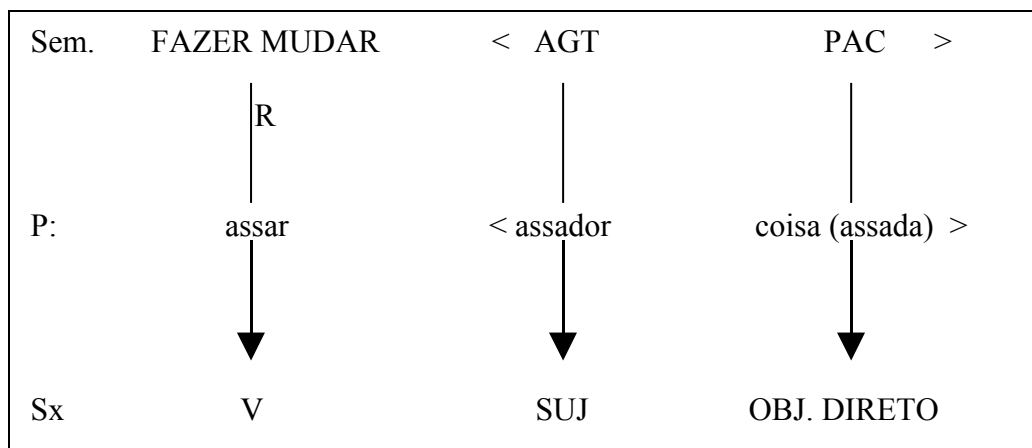


Figura 2: CONSTRUÇÃO TRANSITIVA CANÔNICA

De acordo com as observações de Goldberg (1995, p. 39-43), a variação na valência do verbo se dá em função da cena comunicativa na qual o participante esteja envolvido. Assim, na Construção do Beneficiário, que é uma das instanciações da construção do sujeito Afetado, tem-se o acréscimo do Beneficiário, configurando-se como um novo argumento do verbo, que é inscrito por linhas pontilhadas como apresentado na seguinte representação:

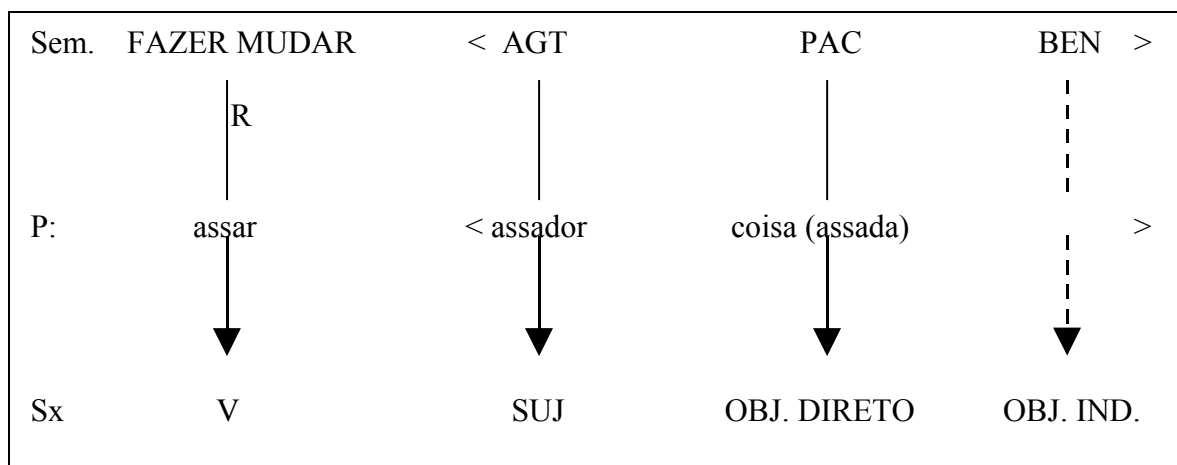


Figura 3: CONSTRUÇÃO DO BENEFICIÁRIO

Percebe-se que a presente análise assume o conceito de **motivação**, pois as construções estabelecem vínculos que formam uma rede construcional através de elos de herança, e são parcialmente especificadas a partir de uma construção mais básica.

Segundo Salomão (2005, p. 07), “esta visão motivacionista da gramática, expressa programaticamente por Langaker, para quem a sintaxe é semântica congelada, facilita o tratamento da emergência de formas lingüísticas calcadas no uso, como é o caso das formas originadas por gramaticalização”. Tal processo é de suma importância para a análise que nos propomos realizar nesta dissertação.

Embora esta abordagem construcional seja inegavelmente superior a tradição formal, mostra-se menos apta quanto ao tratamento da sub-especificação dos domínios conceptuais; assim as relações de herança sofrem uma revisão a fim de oferecer uma abordagem mais processual dos fenômenos lingüísticos.

### **2.3. Projeções figurativas: metáfora, metonímia e mesclagem conceptual**

Para a vertente cognitivista, a noção de projeção é um conceito caro, uma vez que ultrapassa as relações formais algébricas, tratadas na lingüística gerativa, em favor da consideração das relações entre domínios, tratadas como centrais para a cognição e para a linguagem.

A partir dos estudos seminais de Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 45-48), a metáfora, até então vista como um simples ornamento, um desvio da linguagem usual, limitada à Poética e à Retórica, passa a ser considerada um fenômeno cognitivo constitutivo do pensamento e da ação humana. Nessa perspectiva, as metáforas são concebidas como

mapeamentos entre domínios conceptuais, constituindo-se num dos principais instrumentos da cognição humana e, como tal, onipresente em expressões lingüísticas da fala quotidiana.

Nos termos de Salomão (2005, p. 08), a partir dessa concepção torna-se possível compreender e explicar toda uma rede de marcadores aspectuais em Português através de metáforas convencionalizadas como TEMPO É ESPAÇO e MUDANÇA É MOVIMENTO, como se evidencia nos seguintes exemplos:

(11)*Entrei na faculdade no primeiro semestre de 2000.* (Inceptivo)

(12)*Estou na faculdade desde 94.* (Estativo)

(13)*Passsei a faculdade inteira ouvindo legião urbana.* (Progressivo)

(14)*Eu saí da faculdade muito crua.* (Terminativo)

Conforme Salomão (2005), o conjunto de verbos espaciais utilizados nestas expressões é motivado pela metáfora EVENTOS SÃO LUGARES, por conseguinte, a Incepção do Evento compreende a Entrada no mesmo, a Terminação compreende a Saída, a Duração compreende a Passagem e a Instanciação compreende a Estadia. Visto que essas expressões manifestam os contrastes da categoria gramatical do Aspecto, conclui-se que a metáfora motiva esta expressão gramatical.

Lakoff (1993, p. 01-07) postula que o lócus da metáfora não é a linguagem, mas a maneira como conceptualizamos um domínio mental em termos de outro. Desse modo, a metáfora é caracterizada como um mapeamento cognitivo através de domínios conceptuais, pelo estabelecimento de correspondências. Entende-se também, que o mapeamento na metáfora é sempre unidirecional.

Na metáfora O AMOR É UMA VIAGEM, por exemplo, o domínio da JORNADA, que constitui um subdomínio do MOVIMENTO, é mapeado sobre o domínio do AMOR, que constitui um subdomínio das EMOÇÕES. Nessa projeção haverá correspondências parciais

como: VIAGEM / RELAÇÃO AMOROSA; VIAJANTES / AMANTES; VEÍCULO / RELAÇÃO AMOROSA; PERCURSO / HISTÓRIA. Assim, temos expressões nas quais essa metáfora torna-se consistente, tais como *nossa relação chegou ao fim*; *nossa relação está num beco sem saída*; *nosso casamento está caminhando pra crise dos sete anos*; entre outras.

Consoante Lakoff (1993, p. 10), os mapeamentos, entretanto, não ocorrem aleatoriamente, mas respeitando restrições, reunidas no *Princípio da Invariância*. Tal princípio estabelece que os mapeamentos metafóricos preservam a tipologia cognitiva do **domínio fonte**, de maneira consistente com a estrutura do **domínio alvo**. Esse princípio garante que, no esquema imagético do CONTAINER, por exemplo, INTERIORES sejam mapeados sobre INTERIORES, EXTERIORES sobre EXTERIORES, e FRONTEIRAS sobre FRONTEIRAS. Ocorre, entretanto também, uma preservação da estrutura conceptual do alvo, que não pode ser violada.

A **metonímia**, por sua vez, é definida por Lakoff (1987, p. 77) como um princípio cognitivo básico no qual se focaliza um aspecto saliente de uma dada categoria, de tal modo que este aspecto é usado para representar a categoria como um todo. Assim, a metonímia, ao contrário da metáfora, envolveria um mesmo domínio conceptual, em que a expressão de um subdomínio é suficiente para a evocação total do domínio alvo.

Segundo Barcelona (2003, p. 04), embora a metáfora tenha na literatura recente recebido mais atenção que a metonímia, esta é, provavelmente, mais básica para a cognição e para a linguagem. Assim, a hipótese de Barcelona (2003, p. 31) é de que qualquer mapeamento metafórico pressupõe um mapeamento metonímico conceptualmente anterior.

A fim de validar sua hipótese, Barcelona (2003, p. 35-48), parte de supostos contra-exemplos, como a metáfora CORES BERRANTES SÃO SONS ESTRIDENTES. Barcelona refuta a posição de que tal metáfora seja instanciada a partir de um atributo do domínio da audição mapeado sobre o domínio visual. Antes, o autor defende que o mapeamento

metafórico ocorre entre um domínio altamente específico, isto é, o domínio dos SONS ESTRIDENTES, e um domínio visual altamente específico, o domínio das CORES BERRANTES.

A maioria das cores é constituída de uma escala orientada numa certa dimensão: considerando o grau de luminosidade, é possível dizer, por exemplo, *vermelho escuro e azul claro*; nesse sentido, o domínio das cores incorporaria uma norma para a escala correspondente, de tal modo que há um ponto considerado normal naquela escala. Em consequência, certas experiências perceptuais poderão ser tratadas (em qualquer domínio genérico) como “aberrante” ou transgressão.

Segundo Barcelona (2003, p. 37), a motivação metonímica para a metáfora CORES BERRANTES SÃO SONS ESTRIDENTES poderia, pois, ser representada da seguinte maneira:

Domínio alvo	Domínio fonte
Cores Berrantes	Sons Estridentes
Domínio transgressivo na escala das cores	Domínio transgressivo na escala tonal

Figura 4

Portanto, a motivação metonímica para a metáfora seria a ativação da similaridade entre o domínio alvo do mapeamento metafórico, que é metonimicamente compreendido como um subdomínio, e o domínio fonte do mapeamento metafórico, também compreendido como um subdomínio. De fato, o que se dá é o mapeamento parcial de correspondências imagéticas, o que mostra quão complexa é esta operação cognitiva.

Augusto Silva (2003, p.27), ao abordar a distinção metáfora e metonímia, parece alinhar-se a essa perspectiva por considerar a metonímia como uma relação contingente de

contigüidade conceptual entre elementos de um mesmo domínio conceptual, ao passo que a metáfora consiste de uma projeção entre dois domínios distintos com base num conjunto sistemático de correspondências por similaridade conceptual. Nesse sentido, à metáfora cabe a estruturação do alvo em termos da fonte, enquanto à metonímia cabe a ativação do alvo tendo a fonte como ponto de referência.

Conforme Barcelona (2003, p. 42), a metáfora vem à existência como uma generalização de uma metonímia. O autor sustenta seu ponto de vista argumentando que o *Princípio da Invariância*, tal como na definição de Lakoff (1993, p. 10), funcionaria como uma restrição metonímica sobre mapeamentos metafóricos. Assim, o autor postula que metáfora e metonímia sejam consideradas como dois pólos num continuum ao invés de categorias separadas.

Desenvolvimentos posteriores, nas investigações da lingüística cognitiva, conduzem ao desenvolvimento da teoria da **integração conceptual** (FAUCONNIER; TURNER, 2002), que identifica os *blendings*, mesclagens, como uma operação básica cuja estrutura uniforme e propriedades dinâmicas aplicam-se sobre muitas áreas do pensamento e da ação, incluindo as projeções figurativas previamente estudadas.

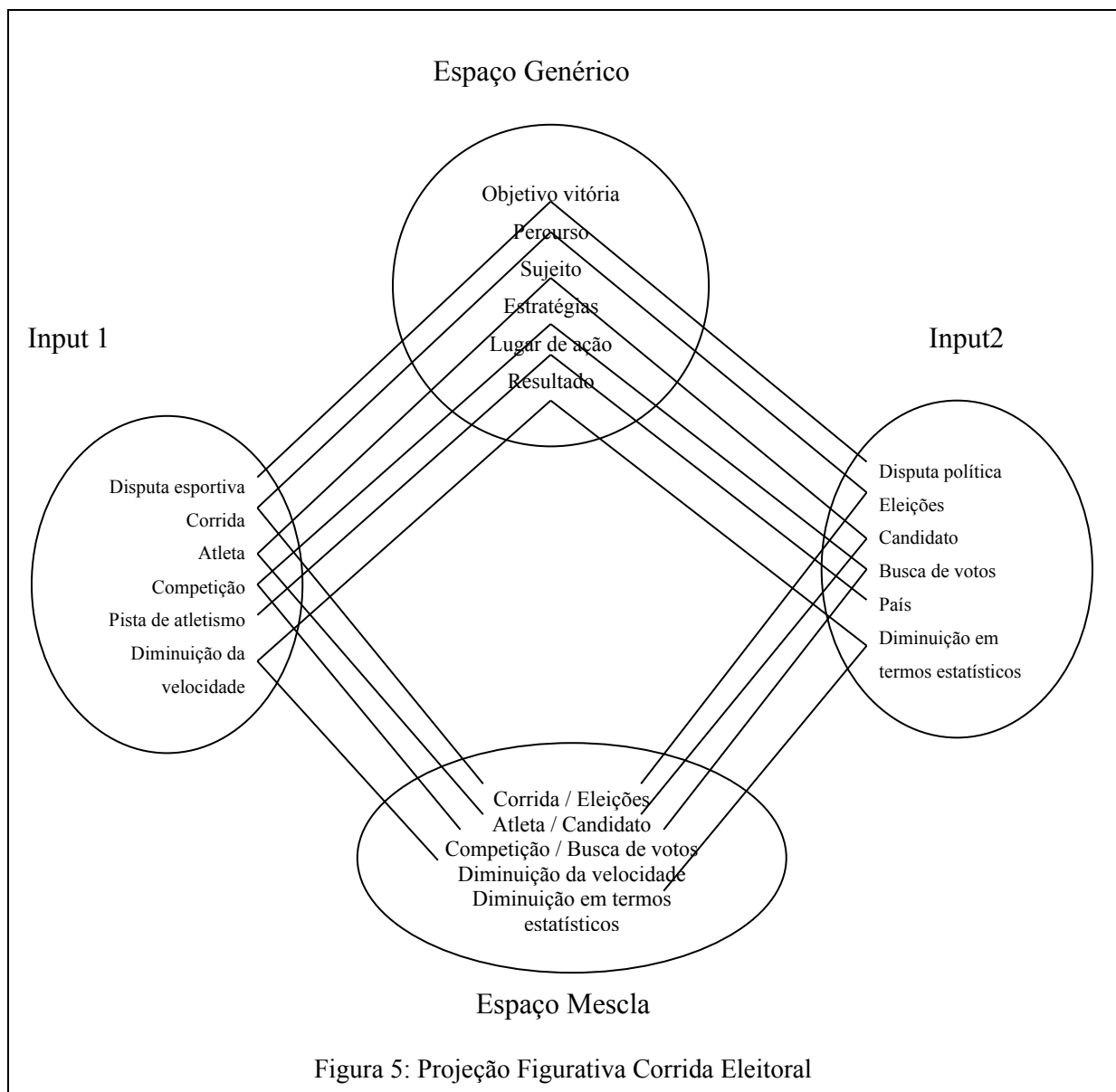
Fauconnier e Turner (2002, p. 39-50) postulam a existência de projeções múltiplas, de tal modo que projeções *bidominiais*, no caso das metáforas, venham a ser melhor caracterizadas como redes *multidominiais*. Desse modo, a rede de domínios envolvida na projeção constitui-se de, no mínimo, quatro domínios: um domínio genérico, dois domínios fonte, um domínio mescla. As principais características do processo de mesclagem são:

- (i) mapeamento parcial de contrapartes entre os espaços fonte;
- (ii) existência de um espaço genérico que reflete as estruturas e organizações abstratas partilhadas pelos espaços fonte;

(iii) o quarto espaço, o espaço mescla, que resulta de uma projeção parcial dos espaços fonte e herda parte de suas características;

(iv) o espaço mescla, que é *estrutura emergente* própria.

Considere-se como exemplo a sentença *Alckmin vem perdendo fôlego na corrida presidencial*<sup>3</sup>, veiculada recentemente por um jornal on-line que informa sobre as campanhas eleitorais de 2006 para a presidência. Ao fazer uma análise dessa sentença, nos termos da mesclagem, obtemos a seguinte representação:



<sup>3</sup> Extraído do jornal: Correio do Estado, 23/08/06. [www.correiodoestado.com.br](http://www.correiodoestado.com.br)

Nesse exemplo, há nitidamente uma projeção metafórica, inclusive bastante difundida socialmente, na qual o domínio das eleições, ou seja, a campanha eleitoral é compreendida nos termos de competições esportivas, mais especificamente uma corrida.

Segundo Fauconnier e Turner (2002, p. 114), a mesclagem é um mecanismo de compressão por excelência. Portanto, podemos concluir que o principal objetivo da mescla, ou seja, das operações de integração, é gerar unicidade e compressão para propiciar o entendimento.

No exemplo acima considerado, as compressões são muitas e expressivas: *Alckmin*, o candidato, representado como atleta, comprime todo o processo de candidatura e campanha em desenvolvimento; *a perda de fôlego* comprime tanto *o desempenho nas pesquisas* como aquilo que é provavelmente a sua causa, *o volume da campanha*. Assim, relações vitais como CAUSA E EFEITO, TEMPO, IDENTIDADE, PARTE-TODO, INTENCIONALIDADE apresentam-se de modo facilmente resgatável e compreensível para o leitor: o complexo processo de disputa eleitoral aparece agora expresso na ESCALA HUMANA.

Fauconnier e Turner (2002, p. 180-187) postulam uma tipologia de mesclagens, que não é nosso propósito nesta dissertação focalizar. É importante, entretanto, apontar que eles tratam as construções gramaticais como domínios de escopo duplo: de fato, o pareamento forma/sentido simbolicamente comprimido estabelece vinculação entre significante físico e uma rede de conceptualizações, inteiramente estranha à materialidade de sua expressão.



## 2.4. Arquitetura Paralela

Jackendoff (2002, p. 107-151), ao postular a hipótese da Arquitetura Paralela, fruto de seu trabalho com Semântica Conceptual desde os anos 80, idealiza uma nova concepção para a faculdade da linguagem que, embora seja ainda uma visão marcadamente mentalista, representa uma superação frente aos modelos chomskyanos. Tal hipótese seria uma resposta ao que Jackendoff considera um grande erro do modelo teórico chomskyano, ou seja, sua concepção “sintatocêntrica” (JACKENDOFF, 2002, p. 109).

O diferencial nesta teoria consiste no reconhecimento e formalização da noção de que o poder gerativo da linguagem não se restringe à sintaxe, mas engloba diferentes sistemas combinatoriais independentes, que se acham alinhados uns aos outros por meio de sistemas de interface, são sistemas geradores tanto a sintaxe como a semântica e a fonologia (JACKENDOFF, 2002, p. 111).

Na Arquitetura Paralela a gramática possui uma organização tripartite, assim, a estrutura fonológica, responsável pela geração das estruturas fônicas, e a estrutura semântica, responsável pela geração das significações, seriam conectadas pela estrutura sintática. A mesma, está, pois, no centro das duas estruturas, tornando-as mais precisas e articuladas, como constatamos na seguinte configuração retirada de Jackendoff (2002, p. 125):

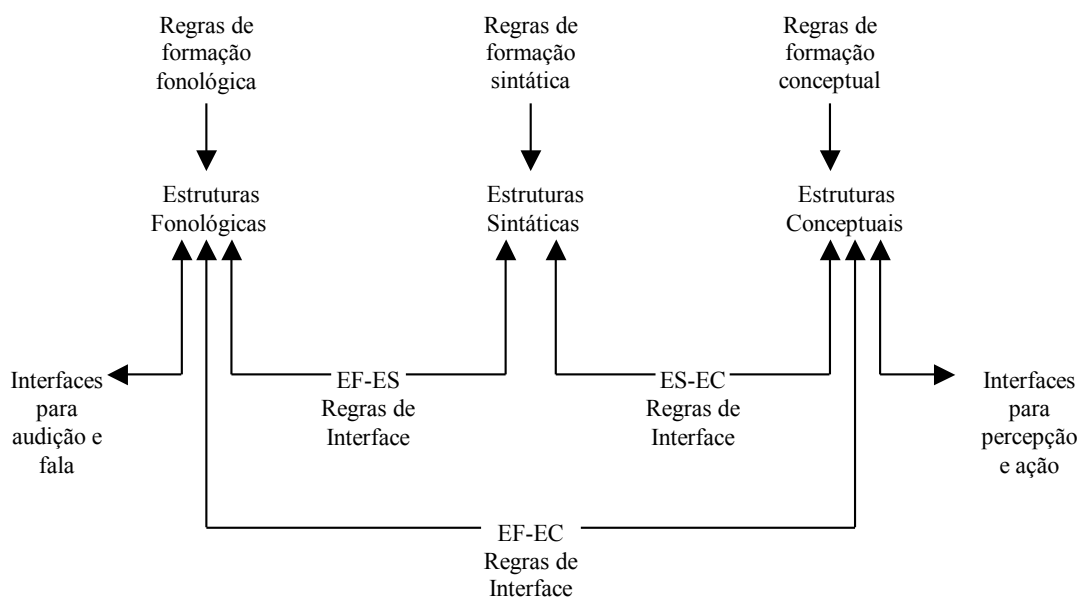


Figura 7: Arquitetura Paralela Tripartite  
 Figura 6: Arquitetura Paralela

Jackendoff (2002, p. 152) desenvolve sua concepção de léxico baseada na seguinte questão: “quais aspectos de uma elocução estão armazenados na memória de longo termo e quais aspectos são construídos *on line* na memória de trabalho?” Em outras palavras, o que encontramos no léxico em contraste ao que encontramos na sintaxe.

Nos termos de Jackendoff (2002, p. 130-131), ao léxico compete armazenar as estruturas na memória de longo termo a partir das quais constrói-se o discurso. De acordo com o autor a função dos itens lexicais é servir como regras de interface, e o léxico como um todo é considerado uma parte dos componentes de interface. Nessa visão, o papel dos itens lexicais vai além da simples inserção dos mesmos nas derivações sintáticas, pois eles estabelecem correspondências de certos constituintes sintáticos com estruturas fonológicas e conceptuais.

Nessa concepção, o léxico deixa de ser considerado um “repositório” de palavras e passa a ser compreendido como **o conhecimento que os indivíduos possuem de sua língua.**

Jackendoff (2002, p. 152-162) postula um léxico heterogêneo e flexível, que não seria constituído apenas de palavras, mas também de itens menores que palavras, como o **sufixo** {+eiro}, itens maiores que palavras, que podem ir desde **expressões formulaicas** do tipo *valeu, tá jóia*, **marcadores discursivos** como *é o seguinte*, até **textos inteiros** como um poema ou uma letra de música, memorizados, além de **itens lexicais abstratos**, como é o caso da perífrase aspectual [*estar + V + ndo*].

Em vista disso, embora o léxico seja caracterizado como o que está armazenado na memória de longo termo, os itens lexicais participarão das construções *on line* na memória de trabalho. Nesse sentido, a palavra *cão*, por exemplo, deve estar armazenada na memória de longo termo, pois não é construída de partes menores. Já a sentença *meu cão é bravo* será construída *on line* de seus elementos constituintes, usando o padrão abstrato que a licencia como uma sentença do Português. Contudo, uma vez que essa sentença tenha sido repetida e ouvida freqüentemente, ela pode, por sua vez, vir a estar armazenada na memória de longo termo. É o caso de algumas expressões idiomatizadas na língua como *vida de cão, cão sem dono, mundo cão, cão de guarda, cão-guia, como cão e gato, quem não tem cão caça com gato, cão chupando manga*, etc.

De acordo com Jackendoff (2002, p. 152-162), essa visão do léxico possibilita a existência de itens lexicais defectivos. Ou seja, uma palavra prototípica é, de fato, uma correspondência entre a fonologia, a sintaxe e a semântica, mas poderiam existir itens lexicais aos quais podem faltar essas correspondências. Assim, há itens lexicais que têm fonologia e semântica, mas não têm sintaxe, como: *sim, tchau, oi*, entre outros. Existem também itens com sintaxe e fonologia, mas sem semântica, como: *it*, no inglês em *it rains*, ou *il* no Francês em *il pleut*. Há ainda itens lexicais que têm sintaxe e semântica, mas não têm fonologia, como os sujeitos nulos em Português. Da mesma forma, o léxico pode conter partes de fonologia sem sintaxe ou semântica, como: *abracadabra, ocos pocos*.

É a partir dessa idéia, dos itens lexicais defectivos, ou seja, itens lexicais com correspondências incompletas, que se abrem as portas para pensar sobre as regras gramaticais de maneira totalmente nova. Assim, se existem itens lexicais aos quais faltam traços de um ou mais dos componentes gerativos, então poderiam existir itens com sintaxe, mas sem fonologia e semântica. Tal item lexical constituiria uma regra gramatical, ou Regra-L, que está armazenada na memória de longo termo, com fonologia e semântica não especificadas. As Regras-L seriam padrões formais abstratos e totalmente abertos, como o padrão da construção do passado composto em Português [*ter + V + do*].

É desta forma que a Gramática das Construções e a hipótese da Arquitetura Paralela convergem para a mesma concepção de gramática: ambas reconhecem o caráter central dos idiomatismos para a linguagem, e rechaçam a concepção dicotômica entre léxico e sintaxe. Assim, estas vertentes abraçam a visão construcionista sobre a lexicalista: para a especificação da estrutura clausal contribuirão padrões oracionais abstratos armazenados como itens lexicais, na mesma condição em que é armazenada toda a informação sobre qualquer outro item lexical (seja, por exemplo, um verbo).

Todavia, há importantes diferenças entre as duas abordagens. Primeiramente, a visão construcionista, por ser emergente dos estudos de Fillmore com idiomatismos e expressões formulaicas, enfatiza o nível pragmático de determinação das construções, dimensão negligenciada nas análises de Jackendoff até aqui.

Outra diferença substancial jaz na flexibilidade peculiar da gramática concebida como arquitetura paralela: os itens lexicais, que vão desde morfemas às regras-L, são também representações simbólicas, mas como exposto anteriormente, há itens que são defectivos, e que podem ser inclusive vazios semanticamente, como é o caso do *it* em *It rains* ou do *il* em *Il pleut*. Nesse sentido, a concepção de Jackendoff mostra-se mais vantajosa do que a

Gramática das Construções, uma vez que permite uma maior flexibilidade no tratamento da gramática como uma rede de construções.

Em vista disso, a abordagem de Jackendoff (2002) harmoniza-se com a Teoria da Mesclagem Conceptual de Fauconnier e Turner (2002), na sua abordagem das construções como mesclagens de duplo escopo, aptas a comprimir conceitos. Em função dessa capacidade, é possível para as línguas possuírem formas já cristalizadas tais como as palavras prototípicas *mão*, *verde*, *andar*, que sustentam uma forte estabilidade conceptual, contudo, há casos de formações mais complexas como *corrida eleitoral*, em que é necessário recuperar as projeções originárias, realizar a mesclagem e considerar o caráter heterogêneo dos espaços de input. Nesse sentido, as regras-1 podem ser tratadas como **inputs** cristalizados, esquemas genéricos aptos a originar novos cenários e novas interpretações.

## **2.5. O processo de gramaticalização**

Os conceitos de motivação e cristalização são cruciais dentro do escopo adotado pela gramática sociocognitiva, na perspectiva de que certas construções podem especializar-se como expressões de Categorias Gramaticais. Em vista disso, a presente seção é dedicada a uma resenha sucinta das principais idéias correntes nos estudos de gramaticalização, uma vez que nosso objeto de investigação, a construção *‘ele deu prá beber’*, é uma expressão gramatical.

Gramaticalização é, segundo Hopper e Traugott (2003 [1993], p. 19-25), o estudo de formas gramaticais, vistas não como objetos estáticos mas como entidades sofrendo mudança. O termo “gramaticalização” foi cunhado pelo lingüista francês Antoine Meillet, responsável por reconhecer a importância da gramaticalização como uma área central da teoria da

mudança linguística. Meillet enfatiza que o foco de estudo não se restringe às origens das formas gramaticais, mas às suas transformações.

Conforme Hopper e Traugott (2003 [1993], p. 22), Meillet, em seu artigo '*L'évolution des formes grammaticales*', descreve como novas formas gramaticais emergem através de dois processos, quais sejam: a *analogia*, pela qual novos paradigmas desenvolvem-se através da semelhança formal com paradigmas já estabelecidos; e a gramaticalização, pela qual novas formas gramaticais desenvolvem-se, pela "passagem de uma palavra autônoma ao papel de elemento gramatical". Desse modo, esses dois processos seriam os responsáveis pela constituição de novas formas gramaticais. Embora a gramaticalização originariamente seja vista como uma mudança que afeta palavras individuais, de fato a maior parte de suas manifestações é de natureza sintagmática/construcional.

Os autores observam que alguns estudos sobre a gramaticalização (principalmente aqueles desenvolvidos por Traugott (1982) e Heine, Claudi e Hünemeyer (1991)), sustentam que o processo de gramaticalização envolve fatores semânticos, cognitivos e pragmáticos, de tal modo que abstrações metafóricas são um meio pelo qual emergem novas estruturas gramaticais, a partir de construções freqüentes e básicas nos usos linguísticos anteriores.

### **2.5.1. Gramaticalização e forma gramaticalizada**

Os estudos da gramaticalização oferecem duas perspectivas: a primeira, histórica, considerada a principal, investiga as formas gramaticais originárias e as mudanças que elas sofrem. A outra perspectiva, mais sincrônica, considera a gramaticalização como fenômeno

sintático, discursivo e pragmático, a ser estudado considerando os usos lingüísticos (HOPPER; TRAUGOTT, 2003 [1993], p. 01-03).

Um ponto freqüentemente enfatizado por Hopper e Traugott (2003 [1993], p. 06-07) é que as formas não mudam abruptamente de uma categoria a outra, mas através de uma série de pequenas transições que tendem a ser similares através das línguas. Os autores utilizam o termo **cline**, *continuum*, para explicar o fato empírico de que as formas tendem a sofrer os mesmos tipos de mudanças em analogias similares, através das línguas. Portanto, um continuum tem ambas as implicações, histórica e sincrônica.

Da perspectiva histórica, um **cline** é conceptualizado como uma “trajetória” natural que evolui junto com as formas; sincronicamente, o mesmo pode ser pensado como um continuum, ou seja, um arranjo de formas ao longo de uma linha imaginária, em que numa extremidade há uma forma mais completa, “lexical”, e na outra extremidade há uma forma compactada e reduzida, “gramatical”.

Segundo os autores, é ponto comum entre muitos lingüistas a convicção da existência de um “continuum de gramaticalidade”, que tomaria a seguinte forma: *Item lexical > palavra gramatical > clítico > afixo inflexional* (HOPPER E TRAUGOTT, 2003 [1993], p. 07).

Esses contínuos que têm sido propostos, baseados em muitas dimensões diferentes de forma e significado, envolvem uma progressão unidirecional em graus de “vinculação”, isto é, a escala de coesão entre formas adjacentes, desde arranjos mais livres, como as perífrases, até os mais estreitos como as inflexões morfológicas. Segundo os estudos da gramaticalização, há uma forte tendência em direção à *unidirecionalidade* na história das formas individuais.

Estudos mais recentes, de corte cognitivo, ou que se desenvolvem a partir das premissas da lingüística – baseada – no – uso, têm demonstrado que a *unidirecionalidade* é

uma hipótese de trabalho; de fato, a natureza heteróclita dos usos lingüísticos tem mais ilustrado irradiações (múltiplos trajetos) do que uma estrada única na evolução lingüística.

### **2.5.2. Mecanismos da gramaticalização**

Hopper e Traugott (2003 [1993], p. 39-70) consideram dois mecanismos gerais pelos quais a gramaticalização ocorre: primeiramente a reanálise e secundariamente a analogia. Na reanálise, as propriedades sintáticas, morfológicas e semânticas das formas são modificadas. Estas modificações compreendem mudanças na interpretação, ou seja, na categoria sintática e no significado, mas não na própria expressão formal.

A reanálise é considerada o mais importante mecanismo para gramaticalização porque constitui um pré-requisito para a implementação da mudança através da analogia.

A analogia, estritamente falando, modifica manifestações de superfície, e, em si própria não efetua mudança de regra, embora promova a disseminação da mudança e na comunidade.

Desse modo, reanálise e analogia operam em eixos distintos: enquanto a primeira trabalha no eixo sintagmático, a analogia opera no eixo paradigmático, sendo responsável por tornar observáveis as mudanças da reanálise.

Segundo os autores, observa-se, no decurso da mudança, que o significado gramatical desenvolve-se através de um processo de generalização ou “desbotamento” do conteúdo semântico originário. Tal processo pode ser caracterizado, em parte como um aumento na *polissemia* de uma forma, e em parte como uma ampliação na distribuição de um morfema, que passa de lexical a gramatical, ou de menos gramatical para mais gramatical. Assim, à



medida que a gramaticalização progride, os significados se transformam e os contextos de uso se diversificam.

Em vista disso, formas e significados antigos podem conviver e interagir com formas e significados novos: esse fenômeno é denominado *layering* ou variabilidade, caracterizando-se como resultado sincrônico da gramaticalização de formas no mesmo domínio.

O conceito de gramaticalização é perfeitamente acomodável na perspectiva construcionista da lingüística sociocognitiva e da Arquitetura Paralela: ambos estes paradigmas assumem a gramática como uma rede de pares forma/sentido, que, pelo uso, podem convencionalizar-se em uma específica acepção e oferecer-se, pois, como uma regra-1 /esquema abstrato para reconceptualizações e novas compressões operadas pelo sinal lingüístico.

### **3. ASPECTO**

#### **3.1. Considerações preliminares**

A categoria do Aspecto é mal reconhecida pelos estudos gramaticais do Português e, com exceção de alguns trabalhos lingüísticos, todos no final do século XX (Castilho (1967, 2002), Travaglia (1981), Costa (2002), Salomão (1990)), muito pouco merecedora de abordagens sistemáticas. Como a nossa tradição de estudos gramaticais tem clara raiz filológica e greco-latinista, a relativa opacidade formal do Aspecto (fundido com Tempo, Modo, Classe Morfológica) explica esta desatenção.

Estudos lingüísticos contemporâneos, principalmente na vertente tipologista, chamam a atenção não só para a crucialidade gramático-conceitual do Aspecto, mas também para sua universalidade: há mais línguas no mundo que codificam Aspecto do que as que codificam Tempo.

Considerando que o objeto de investigação desta dissertação é a construção perifrástica Habitual Inceptiva do tipo “*Ele deu prá beber*”, consideramos indispensável passar por tratamento clássico do Aspecto (como Comrie 1976) e depois por alguns tratamentos do Português, para melhor situar a nossa análise.

Além disso, nosso trabalho está baseado na hipótese adotada em Salomão (1990) de que o Aspecto deve ser caracterizado como categoria de sentença e não como categoria do item lexical (do verbo).

### **3.2. Tempo e Aspecto**

Embora Tempo e Aspecto se refiram ao ordenamento cronológico das situações no mundo, há uma imensa diferença entre as duas categorias: Tempo é categoria dêitica, que trata de ancorar temporalmente o discurso, isto é, de estabelecer a referência cronológica do enunciado em termos do movimento de enunciação. Por isso que as distinções típicas de Tempo são Passado, Presente e Futuro.

Aspecto tem a haver com a estrutura temporal interna do evento enunciado. A primeira distinção forte em termos aspectuais retrocede aos estóicos e a Aristóteles (LYONS, 1977, p. 704) e distingue entre ações completas (perfeitas, télicas) e incompletas (imperfeitas, atélicas).

De fato, é esta a distinção fundadora da categoria Aspectual. A partir daí (desta distinção entre fechado e aberto, que é, como pondera Comrie (1976, p. 03) *uma questão de*

*ponto de vista*) é que poderemos entender outras categorias aspectuais (Duração, Fases de um Processo, Iteratividade).

Para exemplificar esta distinção, consideremos os exemplos abaixo:

(15) *Conversei muito com o presidente Lula sobre isso.*

(16) *Antes da Páscoa, estive conversando por quase duas horas com aquele cidadão que veio do Estado do São Paulo, o dito líder do PCC.*

Em (15) torna-se expresso que o ato de conversar, concluso, ocorreu antes do momento em que o falante se situa agora. Já em (16) além de estar expresso que o ato de ‘estar conversando’ ocorreu antes do momento da fala, está expressa também a duração e progressividade do evento relatado. Dessa forma, em (16) o falante chama a atenção para a constituição temporal interna do enunciado.

De fato, de acordo com Mateus (1989, p. 90), o Aspecto define-se por exprimir o modo de ser (interno) de um estado de coisas, descrito através das expressões de uma língua natural, em função da seleção de um predador de quantificação de um intervalo de tempo, e de referência à fronteira inicial ou final de um dado intervalo.

### **3.2.1. Aktionsart**

Se o Aspecto trata da estrutura temporal interna dos eventos verbalizados, está claro que a contribuição lexical dos predicadores é um dos elementos que contribui para este específico enquadramento. Daí o termo *Aktionsarten*, usado especialmente para designar as classes de evento lexicalmente evocadas pelos predicadores.

Segundo Scher (2004, p. 66), os tipos de ação, primeiramente reconhecidos por Aristóteles, correspondem a duas classes fundamentais, os *estados*, que expressam permanência estável de uma situação, e *eventos*, que expressam processos de mudança. Tais eventos podem ser concebidos como unidades conceptuais fechadas ou como desenvolvimentos progressivos. Verbos designativos de processos não evocam essa terminação, como elemento inerente da significação. Considerem-se os exemplos:

(17) *Eva só comeu a maçã porque esta tinha poucas calorias.*

(18) *Ele (Lula) se sentou na cadeira no primeiro dia de mandato como candidato e não como presidente - criticou Cristovam.*

A sentença (17) é concebida pontualmente, ou seja, presume-se que a ação de ‘comer’ tenha-se completado. Na sentença (18), ao contrário, a ação metonímica de ‘sentar na cadeira’ mostra-se como um processo interminado, sem um estágio de terminação necessário (de fato, Lula continua sentado nesta mesma cadeira desde então). A distinção entre esses verbos encontra-se no nível lexical, e os verbos que evocam um ponto final intrínseco dos processos que designam são chamados *télicos*; já aqueles que não evocam este mesmo tipo de terminação são chamados *atélicos*.

De acordo com Scher (2004, p. 67), Vendler, seguindo uma tipologia de estruturação de eventos, reconhece quatro categorias de predicadores que expressam *atividades*, *estados*, *accomplishment* e *achievement*. Essas classes definem a *Aktionsart* dos verbos.

Estados e Atividades distinguem-se por sua processualidade (no caso das Atividades), mas não designam uma terminação inerente; *accomplishments* e *achievement* distinguem-se também por sua processualidade (no caso dos *accomplishments*) mas não necessariamente designam sua terminação inerente (sua telicidade).

Em sua discussão sobre **Aktionsart**, Comrie (1976, p. 41-44) inclui a categoria de *semelfactivo*, que se refere a uma situação que acontece uma só vez, e a de *iterativo*, para referir uma situação que é repetida, como se constata nos seguintes exemplos:

(19) *Ele tossiu para anunciar sua presença.*

(20) *Ela tossiu a missa quase toda.*

De acordo com Comrie (1976, p. 44-50), estados, atividades e *accomplishments* são durativos, sendo que o estado não envolve mudança, as atividades são atéticas e *accomplishments* são télicos; os semelfactivos e achievements são pontuais, os primeiros atéticos e os últimos télicos.

Tanto Lyons (1977, p. 705-706) quanto Comrie (1976, p. 07) distinguem Aspecto e **Aktionsart**: enquanto o Aspecto representa a gramaticalização das distinções semânticas que apresentam, a **Aktionsart**, por outro lado, representa a lexicalização destas distinções.

Para distinguir Aspecto e **Aktionsart**, Lyons (1977, p. 706) introduz o termo ‘*caráter aspectual*’, para identificar as distinções lexicalizadas :

(21) *Conheci o gato há dois meses e já vou casar!*

(22) *Reconheci o gato que me assaltou ontem.*

Nas sentenças acima os verbos *conhecer* e *reconhecer* distinguem-se aspectualmente: enquanto a sentença (21) denota um estado, a sentença (22) denota um evento. Segundo Lyons, Aspecto e **Aktionsart** são dimensões linguísticas interdependentes porque ambos apóiam-se sobre as mesmas distinções ontológicas.

No nosso caso, embora reconheçamos a distinção como tributo à literatura especializada sobre o assunto, mais nos interessam as distinções semânticas identificadas – já que está claro que é variável o processo de sua expressão lingüística (desde lexemas até perífrases até afixos inflexionais).

### 3.3. Perfectivo e Imperfectivo

A tradição gramatical, geralmente, refere Perfectivo e Imperfectivo como Tempos (gramaticais), entretanto, na perspectiva de Comrie (1976, p. 03), estes termos designam distinções aspectuais.

A fim de ilustrar a distinção delineada por Comrie entre Perfectivo e Imperfectivo considere-se a seguinte sentença:

(23) *Eu estava almoçando em casa quando ele ligou.*

Na visão apresentada pelo autor, a perífrase *estava almoçando* apresenta um “contexto”, um pano de fundo para algum evento, enquanto que o evento focalizado é suscitado pelo verbo *ligou*. Dessa forma, o verbo *ligou* apresenta significado Perfectivo, pois a situação é concebida em sua totalidade, sem referência à sua constituição temporal interna, ou seja, a situação é apresentada como um todo único não-analisável. Ao contrário, a perífrase aspectual faz referência à constituição temporal interna da situação, ou seja, refere-se a um período interno dentro do evento ALMOÇO, sem focalizar seu início ou seu final. Nesse sentido, *ele ligou* é um evento que ocorreu durante o período que o falante estava almoçando, ou seja, concomitante com esta duração.

Em suma, a distinção postulada por Comrie (1976, p. 04) pode ser descrita da seguinte maneira: enquanto o Perfectivo enquadra a situação de fora o Imperfectivo enquadra a situação de dentro.

Comrie (1976, p. 04) chama a atenção para o fato de que a diferença entre perfectividade e imperfectividade não se assenta numa diferença objetiva entre situações e, nem é necessariamente a diferença que é apresentada pelos falantes como sendo objetiva. Pois é possível para qualquer falante referir-se à mesma situação uma vez com a forma perfectiva e outra imperfectiva sem ser contraditório. Dessa maneira, Comrie traça a hipótese da ‘perspectiva subjetiva’ ao considerar o ponto de vista do falante, como observa Salomão (1990, p. 158).

Para Comrie (1976, p. 09), o Aspecto, como uma categoria gramatical, pode ser expresso tanto morfologicamente quanto perifrasticamente. Assim, de acordo com Salomão (1990, p.), no Português, por exemplo, a estrutura morfológica favorece a confusão entre Tempo e Aspecto, visto que as descrições tradicionais, ao concentrarem-se nas conjugações verbais, ignoram as distinções aspectuais empregadas perifrasticamente ou através da cópula. Dessa forma, o Português dispõe de formas como:

*(24)Eu almocei com uma amiga.*

*(25)Eu almoçava vendo televisão.*

*(26)Eu não estava no local, eu estava almoçando.*

*(27)Eu tenho almoçado em casa ultimamente.*

*(28)Eu venho almoçando no RU desde o início do ano.*

A variedade das expressões do Aspecto, especialmente do Imperfectivo (presente nos exemplos 24 a 28, com nuançamento devido à diversidade de suas combinações) ilustra o fato

tanto da flexibilidade da codificação destes sentidos como a complexidade obtida pela variedade das integrações conceptuais.

Segundo Castilho (2002), as perífrases são mais importantes para a expressão do Aspecto em PB do que as flexões temporais, e, por conseguinte, dignas de estudo mais aprofundado.

As próximas seções deste capítulo serão dedicadas a duas categorias aspectuais fundamentalmente significativas para nossa análise, quais sejam, Habitualidade e Inceptividade.

### **3.3.1. Habitualidade**

Conforme Comrie (1976, p. 27), é usual assumir que Habitualidade e Iteratividade sejam a mesma coisa. Do ponto de vista do autor, essa é uma concepção equivocada, pois a mera repetição de uma situação não é suficiente para que a mesma seja caracterizada como habitual, e uma situação pode ser habitual sem necessariamente ser iterativa.

Para Comrie a Habitualidade diferencia-se da Iteratividade, uma vez que o caráter distintivo de

“todas as habituais é que as mesmas descrevem uma situação que é característica de um período estendido de tempo, ou seja, a situação referida é vista não como uma propriedade incidental do momento, mas, precisamente, como um traço característico de um período todo” (COMRIE, 1976, p. 27-28).

Logo, o traço caracterizador da Habitualidade é o durativo:

*(29) A platéia costumava vaiá-los (a banda), só pelo fato de ela ser mulher.*



(30) *Ele costumava sair de casa, todos os dias, de manhã cedo, e só voltava à noite, a horas mortas.*

A situação evocada em (29) é muito mais importante como *emblema* da relação banda/audiência (neste sentido, é claramente uma projeção metonímica) do que evocativa de uma série de situações que se tenham repetido. Não obstante, Habitualidade pode corresponder também à Iteração, como exemplificado por (30).

A Habitualidade é geralmente correlacionada com Imperfectividade. Comrie (1976, p. 41-44), ao abordar a diferença entre os aspectos *Pontual e Durativo*, faz a distinção entre Imperfectividade e Duratividade. De acordo com o autor, enquanto a Imperfectividade significa enquadrar uma situação do ponto de vista da sua estrutura interna, a Duratividade define-se pelo prolongamento temporal de uma situação. O oposto da Duratividade seria, então, a Pontualidade, que por sua vez indica uma situação que acontece em um único momento, como os semelfactivos, citados anteriormente.

### **3.3.2. A categoria da Habitualidade no PB.**

De acordo com Salomão (1990, p. 177), tanto quanto a Aspectualidade, a categoria da Habitualidade é também internamente estruturada, em vista disso, o fato de se usar o termo “Habitual” para designar situações usuais ou costumeiras ou regulares conduz à metáfora EVENTOS SÃO AÇÕES.

Salomão (1990, p. 178-190) organiza o sistema da Habitualidade no PB em cinco construções perifrásticas que introduzem significados habituais mais específicos, quais sejam:

Costumeira, Habitual Passada, Habitual Temporária, Habitual característica e Incoativa Habitual.

A construção Costumeira caracteriza-se por apresentar o verbo ‘costumar’ seguido pela forma infinitiva do Verbo Principal, como visto nos seguintes exemplos:

#### (1) CONSTRUÇÃO COSTUMEIRA

(31)*Eu costumo ler em qualquer canto.*

(32)*Você costuma ter dores nas costas no trabalho?*

(33)*Costuma chover muito em São Paulo, sobretudo no verão.*

(34)*Sempre costumei compreender e relevar na maioria das vezes.*

(35)*Ainda no Brasil, a sociedade costumou chamar de Informática tudo que está relacionado ao computador.*

(36)*Costumo ficar constrangido quando estou num lugar muito movimentado.*

(37)*Costumo estar absorvido em meus próprios pensamentos.*

O verbo *costumar* tem o status sintático de Auxiliar, visto que a predicação seguinte encontra-se no infinitivo, e o sujeito de *costumar* é sempre idêntico ao sujeito da predicação seguinte.

A segunda construção perifrástica traz a idéia de Habitualidade Passada, e é construída com Cópula Incoativa *ficar* no Passado Imperfectivo, e a predicação afetada numa forma nominal, Gerúndio ou Particípio. Exemplos desta construção seguem abaixo:

#### (2) HABITUALIDADE PASSADA

(38)*A gente ficava jogando futebol no campo e, quando ele chegava, todos saíam correndo. (Atividade)*

(39) *A gente ficava acordado até às 6 da manhã.* (Estado)

(40) *Ela ficava muito brava quando o seu time perdia.*

Salomão faz uma distinção entre a construção de Hábito Temporário, que caracteriza-se pelo verbo *andar* e a construção de Hábito Característico caracterizada pelo verbo *viver*, ambas construções seguidas por formas nominais de predicação (Gerúndio ou Particípio).

### (3) HABITUAL TEMPORÁRIA

(41) *A Júlia anda chegando um pouquinho atrasada na escola.*

(42) *O povo brasileiro anda assustado com a violência.*

(43) *O artista "Mário" anda com dor de cotovelo do seu ídolo: Marco Paulo!*

(44) *Aqui em Santa Maria anda chovendo muito.*

### (4) HABITUAL CARACTERÍSTICA

(45) *Rosinha reclama de Caetano, que vive chegando tarde em casa.*

(46) *O cidadão vive assustado e não lhe faltam motivos para isso.*

(47) *O Damião vive com dor de dente.*

(48) *Aqui não vive chovendo, muito pelo contrário é quente e seco.*

A análise ressalta o fato de que os significados dessas construções estão relacionados a propriedades Agentivas, ou pelo menos, ao comportamento Humano. A análise sintática de *andar* e *viver* mostra que há razões suficientes para classificá-los como Auxiliares, uma vez que os mesmos satisfazem os critérios com relação à forma nominal da predicação seguinte, identidade do sujeito, escopo de negação e acessibilidade ao fenômeno sintático de cláusula-única.

O fato de o Português empregar, sistematicamente, predicação de movimento a fim de comunicar perifrasticamente a noção de Habitualidade está relacionado às metáforas:

VIDA É MOVIMENTO.

MUDANÇAS NA EXISTÊNCIA SÃO MOVIMENTOS.

ESTADOS NA VIDA SÃO REGIÕES DELIMITADAS.

HÁBITOS SÃO ESTADOS.

HÁBITOS SÃO REGIÕES DELIMITADAS (na paisagem vida).

A quinta construção identificada terá sua análise apresentada no capítulo 5, pois a mesma constitui objeto de investigação desta dissertação.

### **3.3.3. Inceptividade**

Em geral a categoria aspectual da Incepção não tem tido lugar de destaque nas abordagens do Aspecto. Quando mencionada aparece sempre relacionada ao aspecto Incoativo: Inceptivo e Incoativo são tomados como sinônimos que designam o processo de início de alguma situação.

Todavia, Salomão (1990, p. 199-205), ao investigar a categoria radial das construções com o verbo *dar* no PB, reconhece que a construção Experiencial com *dar*, que compõe o subsistema de Causação, inclui como parte de seu significado a noção aspectual de Incepção, como apresentado nas seguintes sentenças:

(49) *A música de Presley me dá sono.*

Essa sentença exprime que “a música faz com que eu entre num estado de sonolência”. Dessa forma, a expressão Causativa da Experiência significaria também a Incepção na experiência. Logo, Início difere-se de Incepção, por esta estar evocada num esquema conceptual causativo.

Conforme aponta Salomão (1990, p. 202), o sistema aspectual do PB dispõe de três categorias distintas relacionadas a Incepção, a saber: *Começo*, a construção *Incoativa Habitual* e a *Cópula Incoativa*. Entretanto, Salomão acrescenta a construção Experiencial Causativa, designando-a *Incepção*. Logo, o sistema Inceptivo do PB seria constituído de quatro categorias, apresentadas respectivamente:

(50) *O ex-namorado de Suzane começou a chorar e recebeu um abraço do irmão que estava sentado na cadeira, algemado.*

(51) *Ele deu pra agir feito cão de guarda, agora!*

(52) *Fiquei com raiva do Zizou! Na hora, nem pensei no Materazzi.*

(53) *Ah...me deu raiva do Zidane ter ganhado o prêmio de melhor jogador...depois do que ele fez ontem com o coitado do italiano não merecia.*

Embora a Cópula Incoativa (52) e Incepção (53) compartilhem o mesmo frame e evoquem situações estativas, ambas apresentam perspectivas distintas sobre o cenário estativo.

A fim de justificar a natureza da relação entre Causação e Incepção, Salomão (1990, p. 203) busca subsídios no estudo de Talmy a respeito da lexicalização do Aspecto e da Causação. Segundo Salomão, Talmy nota que a lexicalização dos domínios semânticos dos “estados” envolvem apenas três tipos de causação aspectual:

- (a) estar num estado (predicações estativas)
- (b) entrar num estado (predicações incoativas)
- (c) pôr num estado (predicações agentivas).

Segundo Salomão (1990, 203), Talmy aponta que as línguas não lexicalizam de maneira uniforme os três tipos. O Português, assim como o Espanhol, lexicaliza (c), expressa (b) através da reflexivização e (a) através da cópula com participio, como apresentado respectivamente pelos exemplos abaixo:

*(54)Estendi a mantinha e deitei o bebê em cima.*

*(55)Outro dia (me) deitei na rede e vi a lua cheia na mesma posição.*

*(56)Quando chegou em casa, o gato estava deitado no sofá.*

De acordo com Talmy (apud SALOMÃO, 1990, p. 204), devido a uma restrição, as línguas lexicalizam ou a/b ou b/c, mas não a/c, respeitando a contigüidade entre as fases constitutivas de um processo, relacionadas de forma metonímica (a fase evocada é capaz de evocar o processo como um todo). Dessa forma, a construção Causativa inclui como seu resultado uma Mudança de Estado e a Metonímia fornece a conexão lógica entre as noções de Causação e Incepção.

Outro ponto extremamente importante é o fato de que a Construção de Experiência com *dar* apresenta o Estímulo mapeado como sujeito e o Experienciador ocupa o lugar de Complemento, logo, a Experiência é vista como um processo. A metáfora que sustenta tal visão é EXPERIÊNCIAS SÃO ESTADOS, portanto, pode-se entrar no estado, ficar nele, passar por ele e partir dele, como pode ser visto nos seguintes exemplos:

*(57)Entrei numa depressão e precisei de ajuda médica.*

*(58) Em 97, eu estava na maior depressão.*

*(59) Não passei depressão aqui nesta segunda viagem.*

*(60) Sai da depressão, já cuido de plantas em casa e meu relacionamento com minha esposa melhorou muito.*

Segundo Salomão (1990, p. 212-213), o estudo da expressão da Experiência mostra dois modos de concebê-la: o primeiro é estático e insensível às diferenciações aspectuais; o outro é dinâmico e sensível ao Aspecto. Este último compreende três visões do cenário da Experiência: um Causativo, um Incoativo e uma perspectiva Estativa. A perspectiva Causativa, que descreve a deflagração do processo, deve ser considerada como a fase Inceptiva do contorno temporal da Experiência e, como tal, deve distinguir-se da Incoativa.

A distinção entre Incoatividade e Incepção, portanto, repousa no seguinte fato: enquanto a Incoatividade descreve a entrada em um estado do ponto de vista do participante Mudado, a Incepção descreve a entrada num estado da perspectiva da deflagração do processo de mudança, assumindo, assim, uma perspectiva Causativa que é anterior à Mudança em andamento (SALOMÃO, 1990, p. 218).

De acordo com Salomão (1990, p. 220-222), no sistema Inceptivo do PB, as construções perifrásticas de Experiência apresentam as seguintes distinções: (i) colocar num estado – Incepção; (ii) entrar num estado – Incoatividade; (iii) estar no estado – Estatividade; (iv) sair do estado – Terminação; (v) estar fora do estado.

A fase Inceptiva pode ser representada por uma esquematização Agentiva ou Causativa:

*(61) Minha mãe me fez raiva na hora de votar.*

*(62) Essa palestra me deu raiva.*

Nessas sentenças percebe-se que a esquematização Agentiva da Incepção, representada pela sentença (61), é distinta das Construções Causativas, representada por (62), pois nestas o fator que impulsiona a Experiência é uma Causa, não um Agente. A construção Causativa inclui na sua constituição conceptual as metáforas EXPERIÊNCIAS SÃO EFEITOS e EXPERIENCIADORES SÃO PARTES AFETADAS.

Salomão (1990, p. 232) identifica três categorias relacionadas ao sentido aspectual de começo de uma situação:

- i) *Começo*: é a mais geral das categorias de “Iniciação” e interage livremente com Ações, Atividades, Estados e Processos.
- ii) *Incoatividade*: aplica-se somente a Estados e Processos e focaliza uma Entidade Mutante.
- iii) *Incepção*: tem o mesmo padrão de ocorrência da Incoatividade, mas focaliza a Causa da Mudança.

Nesse sentido, a categoria de *Começo* é expressa perifrasticamente pela construção com o Auxiliar *começar*. A *Incoatividade* é representada pelas construções reflexivas, e, mais freqüentemente, pela Cópula Incoativa. A *Incepção*, por sua vez, é realizada sinteticamente pela valência Causativa do estado predicado ou analiticamente pelo conjunto de perífrases que interagem com as predicções de Experiência.

Conclui-se, portanto, que Incepção e Incoatividade devem ser reconhecidas como categorias independentes que integram o sistema aspectual do PB.



## 4. MOTIVAÇÃO E CATEGORIA RADIAL: CONSTRUÇÕES COM O VERBO “DAR” NO PORTUGUÊS DO BRASIL

### 4.1. Primeiras considerações

O Português Brasileiro apresenta uma vasta coleção de sentenças com o verbo *dar*, cujo estudo, nas gramáticas tradicionais e nas propostas de cunho formalista, restringe-se, quando muito, ao simples reconhecimento e descrição das mesmas.

Salomão (1990), *Polysemy, aspect and modality in Brazilian Portuguese: the case for a cognitive explanation of grammar*, oferece um estudo das diferentes construções que empregam o verbo *dar* em PB, postulando a hipótese de que vinte e três construções identificadas encontram-se relacionadas entre si. Dessa forma, sua análise é baseada na concepção de que um conjunto de metáforas e metonímias convencionalizadas linguisticamente motiva e origina as distintas construções com o verbo *dar*.

De acordo com o estudo de Salomão, sentenças típicas do cotidiano lingüístico do brasileiro tais como “O Maracanã me deu medo no dia da inauguração. / O Miguel deu em astrólogo. / Só tem dado chuva nas últimas semanas. / Eu sou curiosa, dá prá terminar essa história logo?” relacionam-se entre si por sua conexão comum à uma construção central “O Antonio deu um anel prá Maria”.

Sob essa perspectiva, Salomão (1990) propõe que as construções que empregam o verbo dar em PB constituem uma rede polissêmica, cujo centro é caracterizado pelo cenário canônico de TRANSFERÊNCIA DE POSSE, representando a estrutura conceptual (ou

modelo cognitivo) associado com a construção central, irradiando para as construções periféricas, que são motivadas da construção central.

#### 4.2. A proposta de uma rede construcional

Salomão (1990, p. 23-25) identifica uma ampla rede constituída por construções com o verbo *dar*, com uma gama de significações variadas e contextos sintáticos distintos:

(63)**Transferência concreta de posse:** *Ele foi lá, me deu um disco, depois eu fui ouvir com mais calma e adorei.*

(64)**Transferência metafórica de posse:** *Mas ele deu mais amor à sua garrafa de vinho. Então eu tive que ir e achar amor de outra maneira.*

(65)**Avaliação:** *Este não dizia qual a parte a destacar nem o valor e os autores deram a conversa por finda.*

(66)**Causação metonímica:** *A pesquisa deu origem a duas publicações.*

(67)**Experiência subjetiva:** *O domingo sempre me deu agonia.*

(68)**Tempo / meteorologia:** *Já deu cinco horas, o dia vai amanhecer. / Finalmente deu sol por aqui.*

(69)**Existencial:** *Ontem deu no rádio e na televisão a festa no Continente e na Madeira por causa da vitória da seleção. / Eu estava fazendo um café e, de repente, deu um estrondo horrível, a casa tremeu.*

(70)**Movimento:** *Com sorte eu consigo estacionar naquela ruazinha paralela com a penha que dá na praça.*

(71)**Mudança de estado:** *Contei isto hoje a um amigo que deu em professor sindicalista ou em sindicalista professor, nem sei bem.*

(72)**Habitualidade:** *A outra é que ele deu prá dar vários gritinhos histéricos.*

(73)**Modalidade:** *São 15 reais por mês, apertando dá prá pagar.*

Sob os pontos de vista estruturalista e gerativista, a ocorrência do verbo *dar* em todos esses padrões consiste em pura coincidência; embora a perspectiva tradicionalista dos estudos lingüísticos reconheça a existência dessa variedade de usos, trata as diversas significações dessas construções como uma lista das diferentes valências individuais; a gramática tradicional, por sua vez, admite que o verbo *dar* é riquíssimo pela variedade de construções que permite, entretanto, trata-o apenas como um caso de múltipla regência verbal. Em vista disso, tais tratamentos mostram-se nitidamente insuficientes por não contemplarem as diversas significações que constituem a rede com o verbo *dar*.

A análise proposta por Salomão (1990, p. 28) contrasta com essas perspectivas, pois as mesmas se baseiam numa visão *homonímica* da multiplicidade semântica dessas construções. De acordo com a autora, a categoria das construções com o verbo *dar* não é uma coleção arbitrária de membros, mas, ao contrário, uma rede polissêmica motivada e estruturada conceitualmente.

A fim de dar conta dessa rede polissêmica, Salomão (1990 p. 04) abarca a teoria da categorização radial (Lakoff, 1987, p. 83-84) como o aparato teórico mais adequado para tratar tais construções. Dessa forma, a autora propõe que as diferentes construções que empregam o verbo *dar* em PB encontram-se estruturadas radialmente, constituindo uma categoria construcional dotada de uma construção central, de extensões motivadas a partir desta construção central.

Nesse sentido, junto à afirmação de que a categoria construcional com o verbo *dar* é semanticamente estruturada, Salomão (1990, p. 08) afirma que a categoria é também sintaticamente motivada, já que a estrutura sintática das construções estendidas mantém elos de herança com a construção central.

Na análise proposta por Salomão (1990), a rede é internamente organizada de maneira que a construção central e seu respectivo modelo cognitivo motivam quatro construções que seriam os subcentros da rede.

#### **4.2.1. A construção central e os seus subcentros**

A construção central, dentre as vinte e três identificadas, corresponde ao Modelo Cognitivo Idealizado, doravante MCI, de TRANSFERÊNCIA DE POSSE, exemplificada em:

(74) *A Maria deu um pedaço de bolo pro Antonio.*

Tal construção evoca uma cena conceptual em que um Agente Humano, agindo intencionalmente, manipula algo que é físico, móvel e manejável para um Recipiente Humano, supostamente de acordo com esta transação. A compreensão desta cena inclui minimamente a atração de esquemas conceptuais de Atividade, Transferência de Posse e Movimento.

A escolha desse cenário como o coração da rede categorial se justifica por duas razões: sob o ponto de vista formal, a análise mais econômica procede da Transferência de Posse para outros significados construcionais; a trajetória inversa nunca é verdadeira. Sob ponto de vista mais substantivo, o MCI de Transferência de Posse é uma situação concreta esperiencialmente

mais básica do que suas contrapartes figurativas e abstratas. Evidência ontogenética assegura que esse cenário tem o mesmo status cognitivo básico que outras estruturas pré-conceptuais (EM CIMA / EM BAIXO; PARTE / TODO; ORIGEM / TRAJETÓRIA / DESTINAÇÃO). Boa parte da literatura tipológica e ontogenética classifica o cenário de TRANSFERÊNCIA DE POSSE como experiência interativa primária.

De acordo com Salomão (1990, p. 33), o cenário pode ser esquematizado como abaixo:

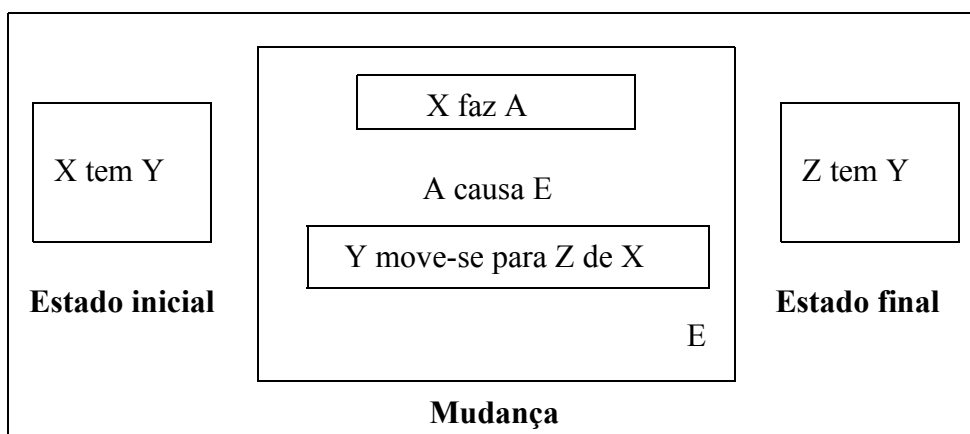


Figura 7: Cenário de TRANSFERÊNCIA DE POSSE

Ao observar a semântica geral do cenário, fica clara a noção de que a TRANSFERÊNCIA DE POSSE representa, além da ordem seqüencial das situações, um conglomerado de esquemas cognitivos de *Atividade, Causação, Movimento e Posse*, que juntos formam o conceito complexo da rede. Em vista disso, estes são os esquemas que permitirão a irradiação da construção básica para as construções estendidas da mesma.

Conforme Salomão (1990, 37-38), as relações constitutivas da rede polissêmica, ou seja, a relação da construção central e suas extensões, pode ser mais bem clarificada através da formalização abaixo que apresenta a configuração da construção básica:

O MCI de TRANSFERÊNCIA DE POSSE
Sujeito: POSS : ORIGEM : AGENTE
Verbo: DAR
Objeto direto: OBJ : FIGURA : PAC
Complemento: REC : DESTINAÇÃO

Figura 8: MCI de TRANSFERENCIA DE POSSE

De acordo com a teoria da categorização radial, as construções não centrais são tratadas como variação da Construção Central e, como tal, é esperado que as mesmas “herdem (da Construção Central) todos os parâmetros de forma e significado, exceto para aquelas que são explicitamente contraditas pelos parâmetros listados para a construção não-central (específica)” (Lakoff,1987:508). No caso das sentenças sob investigação, os elos de herança são fornecidos através de processos de mapeamentos conceptuais que definirão os quatro focos secundários da categoria.

Nesse sentido, Salomão (1990, p. 44) propõe quatro subcentros para a rede polissêmica baseados no cenário de TRANSFERÊNCIA DE POSSE, os quais são representados através da seguinte esquematização:

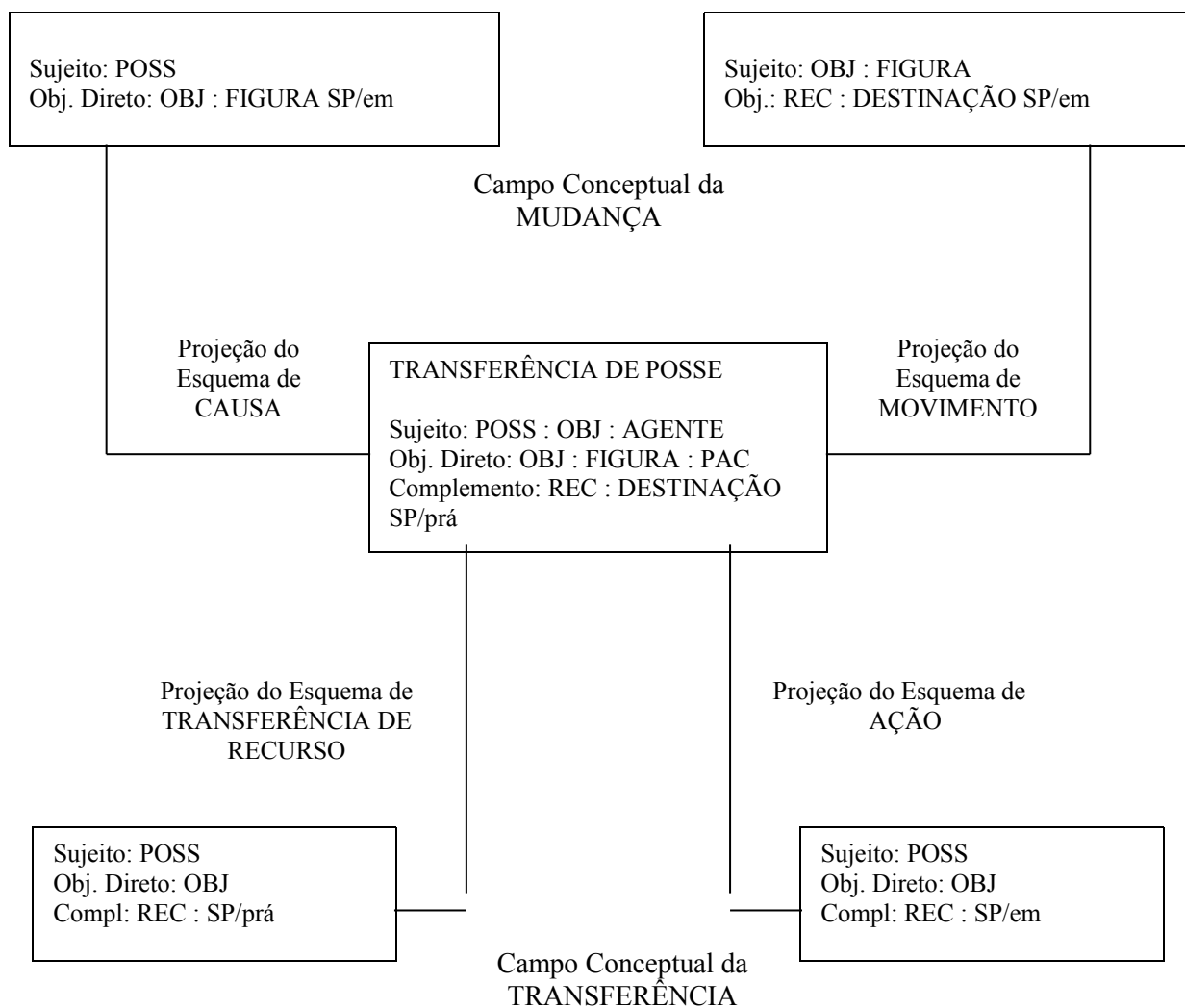


Figura 9: Categoria Radial do verbo *dar* em PB

Conforme Salomão (1990, p. 45), cada uma das caixas ramificadas da construção central corresponde a um subcentro categorial. Os dois representados acima pertencem ao campo semântico da MUDANÇA, já os dois que se encontram abaixo pertencem ao campo semântico da TRANSFERÊNCIA.

#### 4.2.2. Os subcentros

#### 4.2.2.1. O subsistema de CAUSAÇÃO

O subsistema de CAUSAÇÃO, que reúne oito construções, é baseado na construção central, e estrutura-se em torno da construção de ORIGEM FÍSICA. A metáfora que licencia o mapeamento das construções deste subsistema é:

ORIGENS SÃO POSSUIDORES

COISAS ORIGINADAS SÃO PROPRIEDADES.

Pode-se exemplificar a construção de ORIGEM FÍSICA através dos seguintes exemplos:

(75) *As folhas do umbuzeiro - que dá uma fruta ótima para refrescos - alimentam o gado, e sua raiz fornece água e uma polpa nutritiva.*

(76) *Como cada bananeira dá cacho uma só vez, o tronco que seria desperdiçado é transformado em palha, usada no artesanato.*

Em Português, o Criador (POSSUIDOR) e a Coisa Originada (COISA POSSUÍDA) podem ter sua relação expressada por outros tipos de formas lingüísticas, tais como nas construções:

(77) *A fruta desse umbuzeiro.*

(78) *O cacho desta bananeira.*

(79) *Esse umbuzeiro tem uma fruta ótima.*

(80) *Cada bananeira tem um cacho.*



Dentre as construções relacionadas ao subsistema de CAUSAÇÃO, encontram-se várias extensões de projeções metafóricas e metonímicas a cujo detalhamento não procederemos, mas que, abaixo enumeramos:

#### EFEITOS PROCEDEM DE SUAS CAUSAS:

(81) *Como é que a gente descobre que beber demais dá cirrose?*

#### EFEITO PELA CAUSA:

(82) *A pesquisa deu duas publicações.*

#### EXPERIÊNCIA SUBJETIVA

(83) *EXPERIÊNCIAS CORPORAIS: Estilo de Machado me dá sono.*

(84) *EXPERIÊNCIAS EMOCIONAIS: O Julio, às vezes, me dá raiva.*

(85) *EXPERIÊNCIAS MENTAIS: Isso me deu uma lembrança gostosa da infância.*

#### AVALIAÇÃO:

(86) *Esse tópico vai dar problema.*

#### EXISTENCIAL:

(87) *Terça feira passada deu briga lá em casa.*

#### APRESENTAÇÃO:

(88) *Estes dias deu na televisão o filme "O Exorcista".*

#### SITUACAO METEREOLÓGICA:

(89) *Infelizmente não tive muita sorte, porque só deu chuva e mar com ressaca, só deu sol três dias e dois dias nublado com mormaço.*

#### 4.2.2.2. O subsistema de MOVIMENTO

O subsistema de Movimento agrega construções que se relacionam à construção central com *dar* através de um processo de extração semântica, que focaliza o esquema de Movimento, contido na segunda fase do cenário. Como se trata do movimento de Figura , o padrão desta construção é não-agentivo:

(90) MOVIMENTO FÍSICO: *E, arrebatado de negros, o navio deu nas costas da Bahia em meados de 1798.*

(91) MOVIMENTO RECÍPROCO: *Ao passar pela sala rumo ao escritório, dei com o jornal do dia, jogado por baixo da porta.*

(92) MOVIMENTO FICTÍCIO: *Nos EUA, a planta da casa é diferente: a entrada dá no corredor da casa, entre a sala e a cozinha.*

#### MOVIMETO EXISTENCIAL: MUDANÇA DE ESTADO:

(93) *Houve um que deu em padre, outro mudou de sexo.*

(94) *Congratulei-me milhares de vezes de não ter tido filhos no âmbito do casamento que deu em divórcio.*

#### 4.2.2.3. O subsistema de TRANSFERÊNCIA (METAFÓRICA) DE RECURSO

Cinco construções integram o subsistema de Transferência de Recurso, o qual preserva integralmente o cenário de TRANSFERÊNCIA DE POSSE. As construções são mapeadas por meio da metáfora RECURSOS SÃO PROPRIEDADES. Entretanto, o que a diferencia é justamente a natureza da Entidade a ser transferida, que geralmente tem caráter abstrato, ou seja, pode ser de natureza cognitiva, afetiva ou social, como pode ser constatado através dos exemplos:

(95) TEMPO É RECURSO: *Ele começou a dar mais tempo para o projeto.*

(96) ATRIBUTOS PESSOAIS SÃO RECURSOS: *Ela deu sua juventude e sua beleza em troca de criar com conforto, muito amor, carinho e atenção as suas filhas.*

(97) POSIÇÕES SOCIAIS SÃO RECURSOS: *Eles começaram a namorar e logo depois Saddam seqüestrou seu marido para coagi-lo a se divorciar. Em troca, deu a ele o cargo de presidente da companhia aérea iraquiana.*

#### CONTRUÇÃO DE COMUNICAÇÃO

(98) comunicação intelectual - Informação: *Você já nos deu uma idéia básica sobre o trabalho com consultoria.*

(99) comunicação afetiva - Atitude: *Vocês precisam aprender a dar atenção a esta criança.*

(100) comunicação intelectual – Avaliação: *Os críticos dão Gonçalves de Magalhães, como o primeiro poeta romântico brasileiro.*

(101) CONSTRUÇÃO HABILITATIVA: *Dá prá você me emprestar uma grana?*

(102) CONSTRUÇÃO HABITUAL INCEPTIVA: *Ele deu pra me ligar toda quarta à noite.*

#### 4.2.2.4. O subsistema de AÇÃO

O subsistema de Ação é uma pequena adição à rede categorial que se estende metaforicamente da Construção Central por meio das metáforas AGENTE SÃO POSSUIDORES DE SUAS AÇÕES e, AÇÕES SÃO PROPRIEDADES. A Construção de Ação é grandemente produtiva e, requer, que o caráter Agentivo do Sujeito seja preservado.

Salomão salienta que um traço importante desta construção é que seu sistema semântico não herda o cenário de TRANSFERÊNCIA DE POSSE em sua integridade, pois o complemento Recipiente nunca se torna o Possuidor Final da Ação que o afeta, contrastando, dessa forma, com a construção de Experiência. Exemplos desta construção são os seguintes:

(103) *Vieira cabeceou e o goleiro coreano deu um tapa na bola.*

(104) *A Globo deu um castigo no rapaz que é campeão de cartas na emissora.*

(105) *Eu não tenho nada acertado ainda porque preciso dar uma descansada.*

(106) *Deu uma dormida e quando acordou já estava passando o filme da Sessão da Tarde.*

(107) *A mãe deu uma saidinha, mas já deve estar voltando.*

As três últimas sentenças, 105 a 107, tomam como seus objetos um Nome Deverbal. Este tipo de Nominalização é extremamente produtivo em PB e permite uma expansão das possibilidades de uso da construção de Ação. Salomão identifica tal construção cuja

investigação mais aprofundada constituiria a Dissertação de Mestrado de Gonçalves (2005), sob orientação de Salomão.

## **5. ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DE HABITUALIDADE INCEPTIVA**

### **5.1. Quadro hipotético**

As hipóteses fundadoras deste trabalho, como explicitado nos capítulos anteriores são as seguintes:

- I. A linguagem é uma capacidade cognitiva a ser explicada por condições partilhadas por outros sistemas cognitivos humanos (percepção, memória, atenção, raciocínio).
- II. A gramática é uma rede de construções organizada por relações de herança.
- III. As construções com o verbo *dar* em Português organizam-se como uma categoria radial, tendo como instância básica a construção de TRANSFERÊNCIA DE POSSE.
- IV. Significações gramaticais como Aspecto, Tempo, Modo podem ter, e frequentemente têm, uma expressão perifrástica, que emerge através de um processo de gramaticalização.
- V. A categoria gramatical do Aspecto evoca a organização temporal interna de um evento enquadrado sob específica perspectiva comunicativa.

As hipóteses específicas que procuraremos verificar são as seguintes:

- (i) existe no Português do Brasil uma expressão perifrástica da aceção aspectual Habitual Inceptiva, que se gramaticalizou dentro da rede construcional que emprega como predicador o verbo *dar*;
- (ii) esta expressão é a construção gramatical de Habitualidade Inceptiva, ligada por vinculação de herança à expressão de Modalidade também expressa em Português com o verbo *dar*;
- (iii) nos termos de Jackendoff (2002), esta construção é uma regra-l de forma [Suj<sub>i</sub> + dar<sub>Perfectivo</sub> + [sprá PRO<sub>i</sub> V<sub>infinitivo</sub>]].

### 5.1. A construção Habitual Inceptiva

A construção Habitual Inceptiva, identificada por Salomão em sua tese de doutoramento, é exemplificada abaixo por exemplos atestados em diversos corpora:

(108) *Ele deu prá beber depois dessa ida pros EUA.* (AP.125)

(109) *O elevador aqui do prédio deu prá ter problemas maníacos compulsivos agora.*  
(AP.72)

(110) *Ela deu prá ficar mais tempo acordada.* (AP.5)

(111) *O Jumêncio além de toda sua incompetência e esclerose, agora deu prá ser caloteiro.* (AP.11)

(112) *Agora ele deu prá dançarino.* (AP.81)

(113) *Agora deu prá chover todo dia.* (AP.76)

(114) *Caso a enquêta esteja com problema (ela deu pra isso), deixe um comentário com uma dessas opções de musica: 1ª Pégasus Fantasy, 2ª Blue Forever. (AP.77)*

É freqüente a co-ocorrência desta construção com o advérbio *agora* em posição tópica.

(115) *Agora ele deu pra ficar invadindo meus textos direto. (AP.2)*

(116) *É muito engraçado que o Luan agora deu pra ficar "meio" tímido. (AP.10)*

(117) *Bia ta uma fofa, mas está danada viu; agora deu pra ser cantora adora cantar e passa o dia fazendo. (AP.13)*

(118) *Guilherme agora deu pra querer essas bolinhas todas as vezes que vamos na padaria. (AP.21)*

(119) *Ele agora deu pra não se render ao sono na primeira tentativa. (AP.82)*

(120) *Agora deu pra esfriar, finalmente um friozinho. (AP.74)*

(121) *Criança quando acha que tá ficando adolescente é um saco né? Minha sobrinha agora deu pra essas coisas, minha mãe preparou o lanche da abençoada, naquela correria de sempre de põe criança pra almoçar, escovar os dentes e pegar o lanche pra merenda... (AP.78)*

(122) *Agora ele deu pra dançarino. (AP.81)*

Considerada a semântica da construção, que estudaremos abaixo, esta *collocation* é absolutamente compreensível: o Advérbio *agora* marca não mera co-ocorrência analógica com o tempo da enunciação, mas especificamente a *irrupção de uma nova situação*. Como na letra de Chico Buarque “*Agora, eu era herói...*” em que o início de uma nova situação se dá no Passado.

A análise de Salomão em 1990 incluía esta construção no sub-grupo das construções de Movimento. Pelas razões que abaixo exporemos, considerando os avanços nos estudos da

Modalidade (Sweetser 1990) e do esquema conceptual da Dinâmica de Forças (Talmy 2000), estamos refazendo esta análise e propondo uma relação de herança com a construção Modal, vinculada ao subsistema de TRANSFERÊNCIA DE RECURSOS. Esta reanálise absorve os resultados propostos em Salomão 2006.

### 5.2.1. A semântica da construção

Em termos muito simples, a construção acima exemplificada, que pode ser instanciada com verbos das mais variadas classes semânticas na oração infinitiva, enquadra uma situação que se instala como Habitual. É, como a chamamos, uma Habitual Inceptiva para diferenciarse de outras habituais:

(123)*Acordo todo dia às 6 horas da manhã.*

(124)*Dei prá acordar às 6 horas da manhã.* [Inferência: Anteriormente, este não era meu hábito]

A motivação desta expressão requer que identifiquemos na rede construcional com *dar* uma outra construção, Modal, muito próxima sintaticamente e de que passamos a tratar:

(125)*Dá pra eu acordar todo dia às 6 horas.* (Habilitativo)

(126)*Deu pra eu acordar às 6 horas hoje.* (Habilitativo Factivo)

Esta construção Modal, vincula-se metaforicamente à construção central da rede (TRANSFERÊNCIA DE POSSE), que é, por sua vez, nos termos de Goldberg (1995, p.93),



uma instaciação da construção de MOVIMENTO CAUSADO. O diagrama, abaixo, extraído de Salomão 2006, ilustra a relação de herança da Modal:

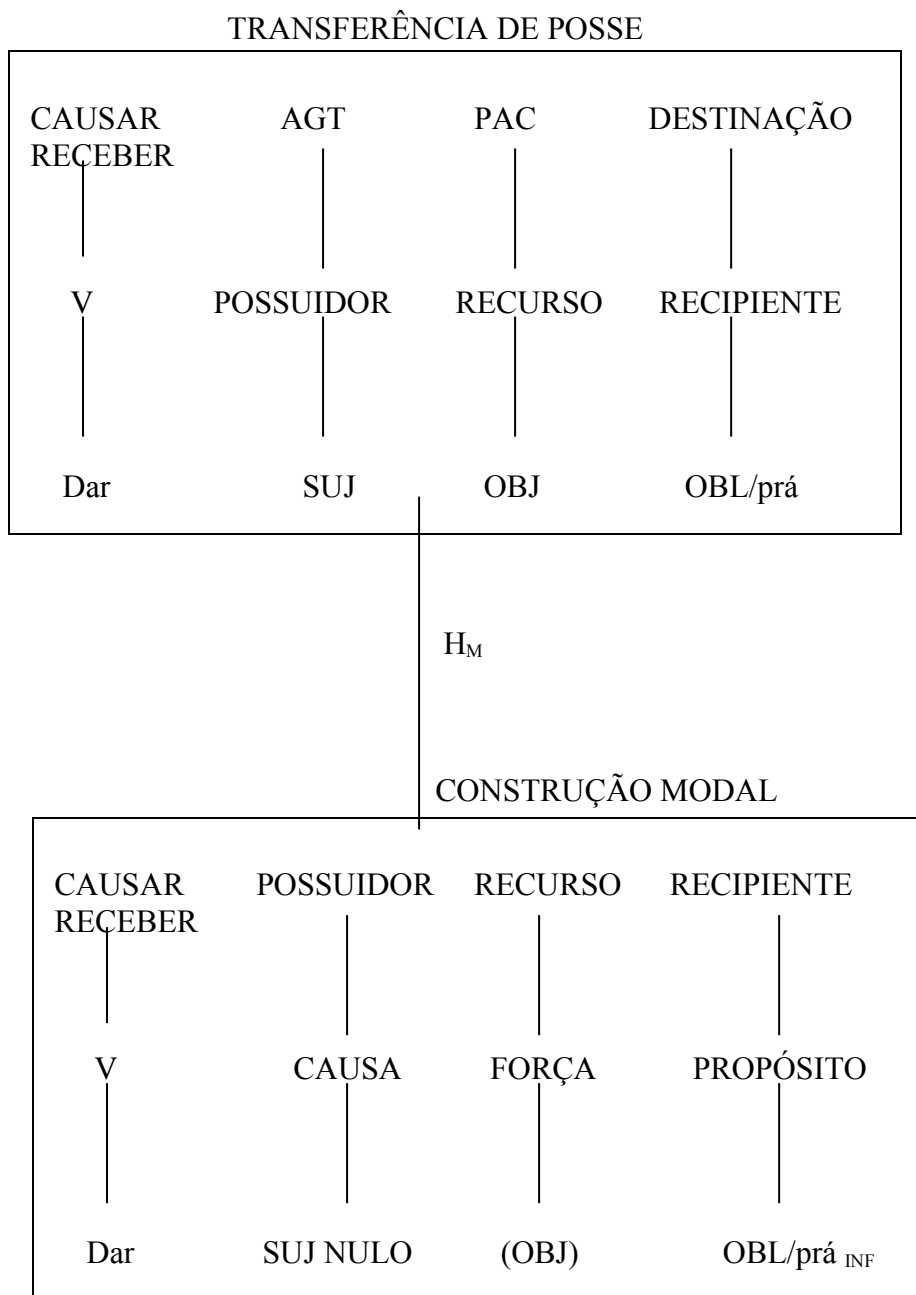


Figura 10

A motivação da construção Modal se dá através de duas metáforas conceptuais, independentemente necessárias para explicar outros fatos na cognição e na linguagem:

- (I) TRANSFERÊNCIAS DE FORÇA SÃO TRANSFERÊNCIAS DE RECURSO
- (II) PROPÓSITOS SÃO DESTINAÇÕES.

A segunda metáfora é largamente responsável pela gramaticalização da perífrase de futuro em Português (em Inglês, Francês, Espanhol e muitas outras línguas) com o verbo de movimento *ir* (eg. *Vai chover amanhã*). A primeira metáfora é prontamente ilustrável por todos os seguintes exemplos abaixo:

(127)*Eu recebi uma promoção.*

(RECURSO PARA OBTER GANHOS FINANCEIROS E SOCIAIS)

(128)*Ele me deu uma idéia para a tese.*

(RECURSO PARA DESENVOLVER UM TRABALHO)

(129)*Vou dar uma força pra ver se ela sai dessa.*

(RECURSO PARA MOVER-SE DE UMA SITUAÇÃO DE  
DESCONFORTO)

Daí seguem-se inferências decorrentes das correspondentes projeções metafóricas:

- (A) O RECURSO CAPACITA O RECIPIENTE A MOVER-SE NA DIREÇÃO  
PRETENDIDA.
- (B) O RECIPIENTE (CAPACITADO PELO RECURSO TRANSFERIDO)  
TORNA-SE UM AGONISTA (EM CONDIÇÕES DE MOVER-SE).
- (C) A MUDANÇA NO PADRÃO DA DINÂMICA DAS FORÇAS  
DESBLOQUEIA A TRAJETÓRIA DO AGONISTA.

Todas estas considerações, tributárias das descobertas de Talmy (2000 [1985]) sobre a dinâmica das forças como esquematização conceptual amplamente operativa na explicação de

fenômenos lingüísticos, permite que identifiquemos a *oração infinitiva* como designadora de uma situação virtualmente resultante do padrão causativo evocado; permite também que identifiquemos o sujeito da infinitiva como o Recipiente, beneficiário da TRANSFERÊNCIA DE FORÇA, ou seja, o Agonista – aquele que se torna capacitado a inaugurar uma nova situação.

(130)*Dá / deu pra ele acabar a tese.*

(131)*Dá / deu tempo pra gente pegar o avião.*

A progressiva gramaticalização desta expressão Modal, originariamente Habilitativa, permite que ela se estenda a usos em que nem há Agonista – em que se trata simplesmente de capacitar a emergência de uma situação.

(132)*Ainda dá pra chover hoje de noite.*

Feita esta sumária caracterização semântica da Modal com *dar*, passamos a estabelecer a relação de herança que existe entre ela e, como sua específica instanciação, a construção Habitual Inceptiva.

Dentro do que predizem Talmy (2000, [1985]) e Sweetser (1990), corroborados por diversos estudos históricos e tipológicos da Modalidade, a primeira acepção Modal a emergir num processo de gramaticalização é o da Modalidade de raiz, ou seja, a Modalidade Habilitativa (também chamada Modalidade Interna à situação). Daí, passam a estabelecer-se variedades de Modalidade Externa à situação – isto é, quando as forças operativas no sistema dinâmico são externas à situação: o caso mais claro, neste desenvolvimento, é o da

Modalidade Deontica – quando a força operativa (Obrigação / Permissão) procede do cenário social em que se dá a enunciação.

(133)*Ele pode viajar sem passaporte.* (porque a polícia federal autorizou)

(134)*Dá pra ele viajar sem passaporte.* (porque a polícia federal autorizou)

Em ambos estes casos a Habilitação do Agonista procede de uma condição externa, socialmente determinada, que desbloqueia a sua evolução.

Há, entretanto, casos mais complexos, que Talmy (2000, p.412) chama de *demoção do Agonista*, quando a entidade “habilitada” é não-animada, incapaz de “mover-se” por si, e a Força de fato é aplicada a um Agonista inexpresso – a quem se autoriza ou se interdita alguma Ação.

(135)*O bolo pode ficar em cima da mesa.*

(136)*Dá pro bolo ficar em cima da mesa.*

No caso, evidentemente, trata-se de *autorizar alguém a deixar o bolo em cima da mesa.*

Esta situação de *demoção do Agonista* nos interessa particularmente no caso de sentenças como:

(137)*O Roberto dá pra médico.*

(138)*Dá / deu pro Roberto ser médico.*

Chamamos a atenção para o contraste semântico aqui estabelecido: na sentença (138), *Roberto* é o Agonista, que superou ou pode superar alguma situação de dificuldade, em função dos “recursos” que lhe forem transferidos. No caso da sentença (137), *Roberto*, que não é o Agonista, é o *Tópico de uma avaliação*. Não há, de fato, muita diferença pragmático-semântica entre este e outros casos de “Alçamento para a Posição de Sujeito”, como em:

(139)*Francês é fácil de estudar.*

(140)*Este exercício é ruim de fazer.*

Em todos estes casos, tratamos de construções de cunho AVALIATIVO.

Nossa proposta é que a construção Habitual Inceptiva seja uma especialização desta classe de construções Modais, às quais se agrega uma determinação objetiva de *Factividade*, contribuição da Perfectividade obrigatória do verbo *dar*. Repetindo:

(141)*Dá pro Roberto ser médico.*

(142)*O Roberto dá pra médico.*

(143)*(Agora) o Roberto deu pra médico.*

*pra fazer yoga no trabalho.*

*pra estudar Francês.*

A semântica da construção Habitual Inceptiva procederia, pois, de uma mesclagem de três construções:

- (i) a construção Modal Habilitativa, que contribui com a noção de *deflagração causal*, da qual a situação Habitual figura como resultante;

- (ii) A construção de *Topicalização* que promove um não-Agonista à situação de *Tópico de um juízo*;
- (iii) A construção Factiva, que define a Resultante da Causação como um Fato – e não como uma mera virtualidade (condição típica das significações modais).

É interessante, neste ponto chamarmos a atenção para um ponto na semântica da Habitualidade, mencionado em seção anterior, de que a Habitualidade, mais do que evocar a repetição de uma situação, *designa uma condição caracterizadora daquele que tem o Hábito*. Para reforçar este ponto, incluímos o seguinte exemplo:

(144)*Que confusão que ele arrumou e olha que ele vai ao terapeuta toda semana...*

No caso “ir ao terapeuta toda semana”, mais do que um hábito, é uma *condição definidora* (“ele é do tipo que vai ao terapeuta toda semana”...).

No caso da Habitual Inceptiva, o foco na Resultante deflagrada tem este mesmo sobretom emblematizador. Como se vê nos exemplos que repetimos:

(145)*Agora deu pra esfriar, finalmente um friozinho. (AP.74)*

(146)*Agora ele deu pra dançarino. (AP.81)*

Trata-se, literalmente ou não, de uma “mudança na natureza”.

### 5.2.2. Sintaxe da Construção

A Construção Modal, à qual a Construção Habitual Inceptiva se vincula na rede com *dar*, é, por si mesma, bastante despojada (*strapped down*) sintaticamente. De fato, toda ênfase expressiva encontra-se na situação Modalizada, resultante da deflagração causal: a Causa, entretanto, virtual sujeito da Modal, por ser uma Causa Genérica, é deixada implícita; a própria Força transferida (o Objeto Direto) é, na expressão completamente gramaticalizada, também inexplícita. Confira-se:

(147) *Deu tempo pra eu trocar de roupa antes do jantar.*

(148) *Deu Ø pra eu trocar de roupa antes do jantar.*

A sentença (148) apenas enuncia a Condição tornada possível para o Agonista, sem explicar o que é que promoveu sua emergência (Tempo, ou Condições Interpessoais ou Facilidade Operacional, o que seja).

A construção Habitual Inceptiva aproveita-se do esquema sintático da Modal (o verbo *dar*, o objeto inexpressado, a sentença infinitiva introduzida pela preposição *pra*), mas mescla a isso a Topicalização de um Participante, que ou é um Não-Agonista, originariamente, ou que é, nos termos de Talmy (2000 [1985]), um Agonista Demovido.

À parte isso, a condição de Factividade da situação implementada é assegurada pela Perfectividade no Passado da inflexão do verbo *dar*.

Isso nos dá o seguinte esquema de Mesclagem, ou de Herança Múltipla, a explicar a construção:

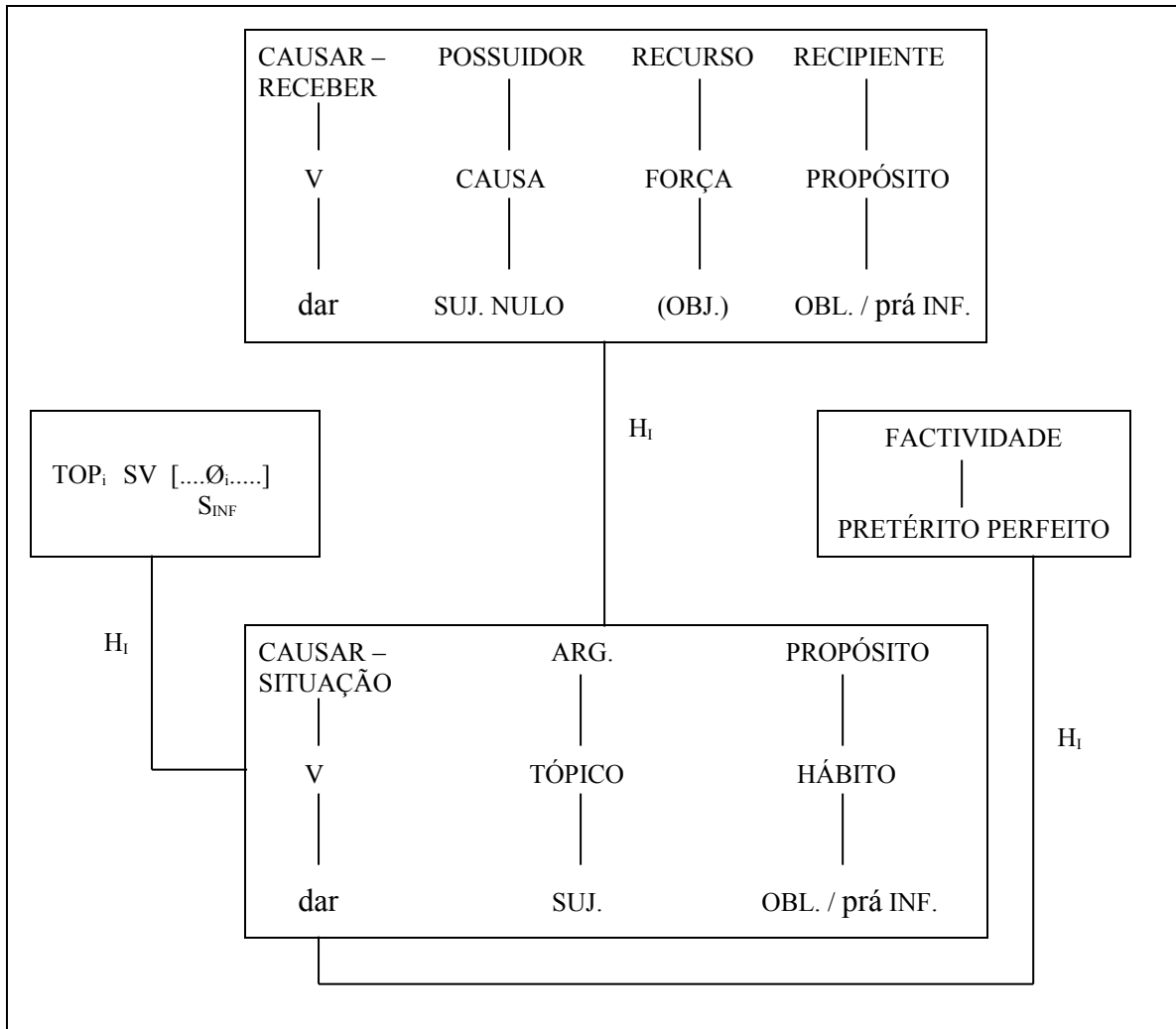


Figura 11

Dá-se, pois, a gênese do esquema sintático-semântico da construção pela mescla de três outros esquemas, todos os quais independentemente motivados, e que se instanciam deste modo particular. Talvez fosse o caso de argumentar que o link da Modal para a habitual é de Subparte, mas, tendo em vista, a freqüente intransitivização do *dar* Modal, pareceu-nos mais justo tratar a Herança como um caso de Instanciação.

Em termos estritamente sintáticos (sem recuperar as relações da motivação) – portanto, como regra-1 – a formulação da construção Habitual Inceptiva seria a seguinte:

(149)Suj<sub>i</sub> deu Ø pra PRO<sub>i</sub> SV<sub>INF</sub>



Estudos tradicionais da gramaticalização tratam a redução sintática da Habitual (em relação à construção central de TRANSFERÊNCIA DE POSSE) como icônica ao seu “desbotamento” semântico. Como já tem discutido anteriormente, mencionado “desbotamento” de fato corresponde à *aquisição de um novo significado*: não cabe falar de perda e sim de mudança. Portanto, o que de fato ocorre nesta específica idiomatização é a redução dos meios expressivos, característica do sinal gramatical e que, no curso do tempo, deve levar a futuras erosões e à inevitável morfologização.

### **5.3. Outras construções Inceptivas com dar.**

Nossa pesquisa de corpus nos pôs a braços com uma inesperada pluralidade expressiva de significações Inceptivas com *dar*. À frente, as identificamos e explicamos sua diversidade diante de nossa construção.

#### **5.3.1. A construção Inceptiva dar em**

Exemplos desta construção, encontrados com grande frequência em corpora do Português Europeu e também do Português do Brasil, são apresentados abaixo:

(150) *O Tiago deu em nos desassossegar.* (AP.119)

(151) *Agora deu em correr atrás da miúda, pela floresta!* (AP.120)

(152) *Este ano o Fantasnorte deu em fazer uma retrospectiva das películas do Bôer.*

(AP.120)

(153)*Havia um doutor que tinha uma criada e **deu em ter** tratos com ela.* (AP.123)

(154)*Localização ou colocação dos equídeos **deu em** ser assunto do dia.* (AP.121)

(155)*E nesses últimos tempos **deu em ficar** mais triste do que de costume, embora disfarçasse bem, porque a Charlotte começou a namorar com ele.* (AP.124)

(156)*Mais tarde **deu em** chover sem fazer frio nem nada meu amor para te ver quando eu estava de abalada.* (AP.116)

Embora no Português do Brasil sejam freqüentes construções como *Ele deu em lingüista, deu em nada*, e etc, as expressões acima exemplificadas parecem mais raras, pelo menos no uso regional {de Juiz de Fora e adjacências}.

De todo modo, sua vinculação à rede construcional com *dar* presume outra Herança: a construção de referência seria a *Construção de Movimento com dar* (*o navio deu no rochedo; a Rua Halfeld dá na Praça da Estação*). Descrever isso já é uma outra dissertação e, assim, aqui apenas registramos o fato.

### 5.3.2. A construção Inceptiva dar de

Exemplos desta construção, também abundantes, são apresentados abaixo:

(157)*Ainda **deu de voltar** pra casa lá pelas tantas e assistir uns episódios de CSI. E ainda **deu de dobrar** toda a roupa!* (AP.89)

(158)*O menino **deu de observá-las**.* (AP.90)

(159)*Ela reclamava muito dos latidos dos cães, estivessem perto ou longe. Acho que nunca se acostumou. Depois **deu de mudar** de apartamentos devido ao barulho do andar de cima.* (AP.91)

(160)*O vizinho **deu de nos vigiar**; e não dava pra subirmos na mangueira com ele por lá a nos observar.* (AP.92)

- (161) *Mais em casa, ele **deu de** beber. Quando bebia, um olhar de animal se estampava em sua. **Deu de** examinar-se atentamente ao espelho: aqueles cabelos brancos.* (AP.93)
- (162) *Depois Nicolau **deu de** imitar outros parentes, amigos da família que era crente.* (AP.94)
- (163) *E agora ele **deu de** chamar todos de tio e tia. Engraçado que se a pessoa é mais idosa, repete tudo o que falamos e agora **deu de** cantarolar por aí.* (AP.95)
- (164) *Pois a Rita **deu de** andar sem rumo.* (AP.96)
- (165) *Depois de tanto amor, ele **deu de** ficar mal humorado.* (AP.97)
- (166) *Há pouco mais de um ano, a turma do Barracão **deu de** ter pavor é de homens de terno e de policiais militares.* (AP.99)
- (167) *Victor está muito fofo, agora **deu de** ficar de pé sozinho no carrinho mesmo com o cinto, ninguém segura esse bebê, não dá pra tirar o olho ...* (AP.106)
- (168) *Meu filho mais novo agora **deu de ser curioso** e me perguntar porque no meu tempo as coisas eram tão complicadas.* (AP.110)

Aparentemente, a conexão desta outra construção é com o *Sistema de Ação*, também mobilizado pelo verbo *dar* (*deu um beijo; deu uma caminhada; deu uma de doido; deu de falar sozinho*).

Também aqui encontra-se assunto para uma outra dissertação. No momento, apenas registramos o fato pela sua convergência com a expressão de Inceptividade.

### 5.3.2. Por que todas estas construções?

Há duas respostas a serem dadas a essa pergunta. A primeira tem a haver com o fato de que, por consistência teórica, não podemos tratar três expressões sintaticamente divergentes (cada qual com sua preposição regente) como exemplares de mesma construção

apenas porque haja entre elas alguma convergência semântica. Sobre este ponto, Goldberg (1995, p.93) adverte expressamente, quando discutindo as construções Ditransitivas e de Recipiente Preposicionado, ambas as quais conceptualizam TRANSFERÊNCIA DE POSSE. Trata-se, como aqui, de construções distintas porque é distinta sua sintaxe.

Por outro lado, a convergência semântica é intrigante. Também aqui há dois pontos a considerar: primeiro, todas elas são predicções com *dar*; portanto, alguma ressonância semântica é esperada. Segundo, todas elas têm um sobretom causativo, ainda quando se trata das Construções de Movimento. *Meu carro deu na traseira de um caminhão* é a expressão de um evento não só indesejável, mas, de certo modo, inesperado – que contraria uma expectativa. Esta é uma característica interessante das construções da rede (*deu chuva; deu certo*) que, com certeza, merecerão no futuro detalhada investigação.

#### **5.4. O processo de gramaticalização na rede**

Não cabe dúvida que perífrase Modal e perífrase Habitual são idiomatizações expressivas de uma acepção gramatical: em um caso, a acepção Habilitativa, que parece estar-se estendendo desde a versão Deontica até a Epistêmica; no nosso caso, a acepção Aspectual da Habitualidade. Os exemplos pesquisados nos corpora mostram a fertilidade e a frequência destas construções.

Caberá a investigações posteriores, que busquem não apenas descrever a construção mas identificar sua emergência, fazer uso das potentes tecnologias agora desenvolvidas para identificar paulatinamente sua evolução, desde os usos mais básicos até o presente, já muito esquemático, tanto no plano sintático como no plano semântico. Não é este o objetivo desta dissertação mas poderá ser, proximamente, o objeto de uma tese.

## 6- CONCLUSÕES

Como procuramos expor nos capítulos anteriores, nosso trabalho compreende as concepções fundadoras da Lingüística Sociocognitiva, reconhecendo, principalmente, que a linguagem é contínua a outros processos cognitivos humanos, além de processos sociais e culturais. Esta teoria, ao postular um continuum entre léxico, sintaxe e semântica abre caminho para uma abordagem processual – em termos de projeções entre domínios - do complexo processo de construção do significado.

A partir do estudo de uma expressão idiomática específica da Língua Portuguesa – “*Ele deu prá beber depois dessa ida pros EUA*” aqui chamada de construção Habitual Inceptiva – buscamos evidências para a hipótese de que a gramática é motivada conceitualmente e se organiza como uma rede de ligações por herança.

Dessa forma, nossa análise, apresentada no capítulo 5, argumenta em favor da existência de uma *Construção Habitual Inceptiva*, que compõe a rede das construções com o verbo *dar* em PB, tal como identificado na tese de Salomão (1990). Nosso estudo empreende uma reanálise da “tese” de Salomão (1990) para a construção Habitual Inceptiva, postulando que a mesma, dentro do cenário de TRANSFERÊNCIA DE POSSE, pertence ao subsistema de TRANSFERÊNCIA DE RECURSOS, mantendo uma estreita relação com a construção Modal. Nesse sentido, traçamos algumas conclusões assim resumidas:

- Postulamos que este caso particular – a Construção Habitual Inceptiva - seja considerado de fato uma Construção Gramatical Específica do

Português do Brasil para a expressão aspectual de modo convencional e cristalizado.

- A construção Habitual Inceptiva é instância ligada diretamente a uma construção Modal com o verbo *dar* na rede construcional, compartilhando com esta, inclusive, uma configuração sintática muito próxima.
- Propomos que a construção Habitual Inceptiva seja uma especialização desta classe de construções Modais, às quais se agrega uma determinação objetiva de *Factividade*, contribuição da Perfectividade obrigatória do verbo *dar*.
- A partir do esquema sintático-semântico dessa construção, nos foi possível atestar que a mesma é motivada e se configura como um caso de herança múltipla de três outras construções – a Construção Modal Habilitativa, a Construção de Topicalização e a Construção Factiva. Portanto, constitui-se num caso de mesclagem dessas três construções.
- A Habitualidade inerente a essa construção não evoca a mera repetição de uma situação, mas constitui-se numa condição caracterizadora, visto que a Habitual Inceptiva possui o foco na Resultante deflagrada.
- A Construção Habitual Inceptiva é uma idiomatização e, nesse sentido, corresponde à gramaticalização da acepção Aspectual da Habitualidade. Portanto, nos termos de Jackendoff, configura-se como um idioma sintático, ou seja, uma regra-1 com a seguinte configuração sintática [Suj<sub>i</sub> deu Ø pra PRO<sub>i</sub> SV<sub>INF</sub>].

A análise que realizamos possibilitou atestar que a construção Habitual Inceptiva tem uma produtividade considerável em PB, entretanto, é ainda uma análise preliminar que tem a

possibilidade de ser refinada através de um estudo diacrônico que permita identificar a escala evolutiva desta construção. Esperamos, com este trabalho, ter contribuído com a concepção de que a linguagem se organiza por meio de relações de herança, e fortalecer a abordagem construcional sociocognitiva como instrumento teórico mais adequado, pelo menos até o momento, para os estudos dos fenômenos lingüísticos.

#### BIBLIOGRAFIA

BARCELONA, A. **Metaphor and metonymy** at the crossroads: a cognitive perspective. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2003.

CASTILHO, Ataliba. Aspecto Verbal no português falado. **Gramática do Português Falado, Vol. VIII**: Novos estudos descritivos. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2002. p.83-121.

COMRIE, B. **Aspect**: an introduction to the study of verbal aspect and related problems. Cambridge: Cambridge University Press, [1976] 2001.

COSTA, S. B. B. **O aspecto em português**. 3<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge: Mit Press, 1975.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The way we think** – conceptual blending and the mind's hidden complexities. Nova York: Basic Books, 2002

FAUCONNIER, G. **Mappings in thought an language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

\_\_\_\_\_. **Mental spaces**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FILLMORE, C. J. **Inocence**: a second idealization for linguistics. Proceedings of the Fifth Berkeley Linguistics Society, 1979.

GOLDBERG, A. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E.C. **Gramaticalization**. 2<sup>a</sup>. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

JACKENDOFF, R. **Foundations of language**: brain, meaning, grammar, evolution. New York: Oxford University Press, 2002.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: Educ/Mercado das Letras, [1980] 2002.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy the flesh**: the embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G. **The neural theory of metaphor**. Ms. U. C. Berkeley (8<sup>th</sup> version of work in progress), 2006.

\_\_\_\_\_. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, A. (Org). **Metaphors and thought**. Cambridge: University Press, 1993.

\_\_\_\_\_. **Women, fire and dangerous things**. Chicago: Chicago University Press, 1987.

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, vol. 2, 1977.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. **Gramática da língua portuguesa**. 3<sup>a</sup>ed., Lisboa: Editorial Caminho, 1989.

MIRANDA, N. S. **Domínios conceptuais e projeções entre domínios**: uma introdução ao modelo dos espaços mentais. Veredas, Juiz de Fora, v. 3, n.1, p. 81-95, jan./jun., 1999.



PULHIESE, J. O. **Reflexividade e desreflexivização no Português do Brasil**: a abordagem sociocognitiva sobre a linguagem. 2004. 78f. Dissertação (Mestrado em Letras) – ICHL, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2004.

SALOMÃO, M. M. M. . **The metaphoric grounding of grammar: the Modal Construction with dar in Brazilian Portuguese**. Proceedings of the 34th Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society. Berkeley, California: (2006) 2007.

\_\_\_\_\_. **Teorias da linguagem**: a perspectiva sociocognitiva. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

\_\_\_\_\_. **O problema da especificação da estrutura argumental**: voltas sobre o tema “léxico ou sintaxe”. Juiz de Fora: UFJF, 2004.

\_\_\_\_\_. **Gramática das construções**: a questão da integração entre sintaxe e léxico. Veredas, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p.63-74, jan. / jun., 2002.

\_\_\_\_\_. **A questão do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem**. Veredas, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p.61-79, jan./jun., 1999b.

\_\_\_\_\_. **O processo cognitivo de mesclagem na análise lingüística do discurso**. Juiz de Fora / Rio de Janeiro: UFJF / UFRJ / UERJ – CNPq, (Projeto integrado de pesquisa – grupo Gramática e Cognição), 1999.

\_\_\_\_\_. **Gramática e cognição**: o enquadre programático da hipótese sociocognitivista. In: Veredas, Juiz de Fora, vol. 1, p. 23-39, 1990.

\_\_\_\_\_. **Polisemy, aspect and modality in Brazilian Portuguese**: the case for a cognitive explanation of grammar. 1990. 295 f. Tese (Doctor of Philosophy in Linguistics) – University of California, Berkeley, 1990.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. 7<sup>a</sup>.ed., São Paulo: Cultrix, [1916] 1975.

SCHER, A. P. **As construções com verbo leve dar e nominalizações em –ada no Português do Brasil**. 2004. 232 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Federal de Campinas, Campinas, 2004.

SILVA, A. **O poder cognitivo da metáfora e da metonímia**. Revista Portuguesa de Humanidades. Braga, vol.7, p.13-75, 2003.

SWEETSER, Eve. **From etymology to pragmatics**. New York: Cambridge University Press, 1900.

TALMY, L. **Towards a cognitive semantics**. Vol.I. Cambridge, Mass.: the MIT Press, 2000.

## **APÊNDICE**

1- *Vou ficando por aqui, tentando dar um jeito nesse template que agora **deu pra ficar branco**.*

Disponível em: <[z003.ig.com.br/ig/56/06/187910/blig/nandastuff/](http://z003.ig.com.br/ig/56/06/187910/blig/nandastuff/)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

2- *Agora ele **deu pra ficar invadindo meus textos direto**.*

Disponível em: <[ww.dynamite.com.br/2003a/view\\_coluna\\_action.cfm?](http://ww.dynamite.com.br/2003a/view_coluna_action.cfm?id_columnista=24&id_show=83)

[id\\_columnista=24&id\\_show=83](http://ww.dynamite.com.br/2003a/view_coluna_action.cfm?id_columnista=24&id_show=83)>. Acesso em: 22 jun. 2006.

3- *Dá uma ajudinha aqui, meu namorado **deu pra ficar me podando**, e resolveu mexer no meu celular.*

Disponível em: <[www.vejau.com.br/barbie.asp?offset=-1](http://www.vejau.com.br/barbie.asp?offset=-1)>. Acesso em: 19 jun. 2006.

4- *Foi trocado a correa dentada trocado as válvulas (todas empenaram) esmerilhado todo bonitinho e agora o infeliz **deu pra ficar acelerado não dá marcha lenta**.*

Disponível em: <[www.oficinabrasil.com/forum/verpost.asp?codPOST=4141&status=1](http://www.oficinabrasil.com/forum/verpost.asp?codPOST=4141&status=1)>.

Acesso em: 03 set. 2006.

- 5- *Ela também **deu pra ficar mais tempo acordada** que dormindo e esta ocupando.*  
Disponível em: <sapri.weblogger.terra.com.br/200312\_sapri\_arquivo.htm>. Acesso em: 05 ago. 2006.
- 6- *Agora **ela deu pra ficar com mania de trocar o avatar direto.***  
Disponível em: <caderno-virtual.zip.net/>. Acesso em: 20 jul. 2006.
- 7- *Agora **deu pra ficar doida todo o tempo, é, tá mal da cabeça!***  
Disponível em: <foro.univision.com/univision/board/message?board.id=dulcemaria&message.id=2111148>. Acesso em: 22 jul. 2006.
- 8- *Mudando completamente de assunto, ou continuando a ultima frase, normalmente eu me dou muito bem com a minha host-mom mas ultimamente ela **deu pra ficar chatérrima.***  
Disponível em: <[http://thesoldieroflove.blogspot.com/2004\\_05\\_01\\_thesoldieroflove\\_archive.html](http://thesoldieroflove.blogspot.com/2004_05_01_thesoldieroflove_archive.html)>. Acesso em: 19 jul. 2006.
- 9- *Agora **deu pra ficar sentida com as coisas que a gente fala, qualquer NÃO que recebe já sai correndo, abaixa a cabeça no sofá e fica lá esperando a gente ir.***  
Disponível em: <umanjinho.blogger.com.br/>. Acesso em: 19 jun. 2006.
- 10- *É muito engraçado que o Luan agora **deu pra ficar "meio" tímido.** Fazia tempo que ele não via a Rafa e ficava com vergonha de ir com ela.*  
Disponível em: <astravessurasdeluan.blogspot.com/2006\_01\_01\_astravessurasdeluan\_archive.html>. Acesso em: 20 jul. 2006.
- 11- *O Jumêncio além de toda sua incompetência e esclerose, ainda **deu pra ser caloteiro.***  
Disponível em: <esportes.nominimo.com.br/?comments\_popup=312>. Acesso em : 05 set. 2006.
- 12- *“Minha mãe teve três filhos / todos três interesseiro / um deu pra ganhar dinheiro / outro **deu pra ser vaqueiro** / e eu dei pra beijar moça / que é serviço mais maneiro”.*  
Disponível em: <esportes.nominimo.com.br/?comments\_popup=312>. Acesso em: 22 jun. 2006.
- 13- *Bia ta uma fofa (olha a baba kkkk), mas esta danada viu, agora **deu pra ser cantora adora cantar e passa o dia fazendo.***

Disponível em: <[www.vancris.blogger.com.br/](http://www.vancris.blogger.com.br/)>. Acesso em: 22 jun. 2006.

14- *"Infelizmente não **deu pra ser concretizado a venda, pois eu havia errado o valor do produto, mas o comprador é firmeza"**.*

Disponível em: <[www.mercadolivre.com.br/jm/profile?id=16677467](http://www.mercadolivre.com.br/jm/profile?id=16677467)>. Acesso em: 05 set. 2006.

15- *A mãe me falou que agora **ela deu pra ser tipo uma antena parabólica do além, que incorpora qualquer espírito que tiver passando por perto e começa a falar.***

Disponível em: <[sampafobia.blogspot.com/2006\\_01\\_01\\_sampafobia\\_archive.html](http://sampafobia.blogspot.com/2006_01_01_sampafobia_archive.html)>. Acesso em: 05 set. 2006.

16- *Enfim, a Bianca está uma graça, crescendo bastante e dando um trabalhinho básico pra mamãe aqui, agora **deu pra ser "boêmia"**, e fica acordada boa parte da noite, e adivinha quem não consegue dormir direito?*

Disponível em: <[sweetmelody.zip.net/](http://sweetmelody.zip.net/)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

17- *"Larga minha mão, que eu sei andar sozinha, desde quando **você deu pra ser 'fada madrinha'?**"*

Disponível em: <[www.alzirazulmira.com/mula.html](http://www.alzirazulmira.com/mula.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

18- *Absurdamente, **ele deu pra ser muito, muito amoroso comigo, o meu filho.***

[www.bomdiariopreto.com.br/index.asp?jbd=1&id=74&mat=14944](http://www.bomdiariopreto.com.br/index.asp?jbd=1&id=74&mat=14944)>. Acesso em: 22 jun. 2006.

19- *As pessoas confiavam em Devanir, mas não sabiam que, nos últimos tempos, **deu pra ouvir barulhos e ficar nervoso.***

Disponível em: <[www.releituras.com/fbonassi\\_nsaparecida.asp](http://www.releituras.com/fbonassi_nsaparecida.asp)>. Acesso em: 05 set. 2006.

20- *Scarlett Johansson **deu prá mentir? Aí tem, hein?***

Disponível em: <[www.judao.com.br/8/texticulo.php?action=ler&id=436](http://www.judao.com.br/8/texticulo.php?action=ler&id=436)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

21- *Guilherme agora **deu pra querer essas bolinhas TODAS as vezes que vamos na padaria.***

Disponível em: <[www.diariodogui.weblogger.terra.com.br/](http://www.diariodogui.weblogger.terra.com.br/)>. Acesso em: 22 jun. 2006.

22- *Acreditem, ele agora **deu pra fazer propaganda de seu candidato a Governador.***

Disponível em: <[www.thx.blogger.com.br/](http://www.thx.blogger.com.br/)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

23- *Agora, de um tempo pra cá, ela **deu pra implicar** na minha amizade com o R, minha cachorrinha Maggie agora **deu pra querer dormir** comigo, não dá..*

Disponível em: <[whatdoido.zip.net/](http://whatdoido.zip.net/)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

24- *Com isso também estou com dúvidas de como fazer pra ele acostumar, até porque ele agora **deu pra rejeitar até água** (deve pensar que é a mamadeira).*

Disponível em: <[www.meninalaura.blogspot.com.br/2004\\_11\\_01\\_archive.html](http://www.meninalaura.blogspot.com.br/2004_11_01_archive.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

25- *Agora **deu pra engatar a ré de bruços**, ainda não engatinha. ... Até no banho agora ela **deu pra beber água!***

Disponível em: <[www.meninalaura.blogspot.com.br/2004\\_11\\_01\\_archive.html](http://www.meninalaura.blogspot.com.br/2004_11_01_archive.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

26- *O Ex **deu pra ter crise de consciência**.*

Disponível em: <[www.acidetal.weblogger.terra.com.br/200405\\_acidetal\\_arquivo.htm](http://www.acidetal.weblogger.terra.com.br/200405_acidetal_arquivo.htm)>. Acesso em: 05 set. 2006.

27- *Minha Bianca cada dia mexe mais, agora **deu pra dar chutinhos**, tem hora que tenho que mudar de posição.*

Disponível em: <[sweetmelody.zip.net/](http://sweetmelody.zip.net/)>. Acesso em: 05 set. 2006.

28- *Vocês teriam um programa pra fazer desfragmentação de disco ou eu posso usar o do meu PC mesmo? Porque **ele deu pra travar** agora.*

Disponível em: <<http://linhadefensiva.uol.com.br/forum/index.php?showtopic=17845>>. Acesso em: 20 jul. 2006.

29- *Você sempre foi careta, meu filho, **deu pra usar drogas** agora, é?*

Disponível em: <[byronparker.blogspot.com/2005\\_05\\_01\\_byronparker\\_archive.html](http://byronparker.blogspot.com/2005_05_01_byronparker_archive.html)>. Acesso em: 22 jun. 2006.

30- *Agora **deu pra assistir** à novela pela internet.*

Disponível em: <[mtmzk.wordpress.com/](http://mtmzk.wordpress.com/)>. Acesso em: 22 jun. 2006.

31- *Agora **ela deu pra ligar** a tv e o dvd. Para a minha tristeza.*

Disponível em: <[www.bbclarinha.blogspot.com.br/](http://www.bbclarinha.blogspot.com.br/)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

32- *Qto a Marisa, eu gosto dela, só não sei se vou ter saco pra aguentar essas pentelhações sambísticas que **ela deu pra gravar** ultimamente.*

Disponível em: <[oglobo.globo.com/servicos/blog/comentarios.asp?cod\\_Post=9444&pagAtual=3](http://oglobo.globo.com/servicos/blog/comentarios.asp?cod_Post=9444&pagAtual=3)>.

Acesso em: 20 jul. 2006.

33- *Agora, **deu pra chamar** o Buda de mamamãe.*

Disponível em: <[melissaejoao.blogspot.com/2004\\_12\\_01\\_melissaejoao\\_archive.html](http://melissaejoao.blogspot.com/2004_12_01_melissaejoao_archive.html)>. Acesso em: 22

jun. 2006.

34- ***Ela deu pra andar** com o seu dedo em riste, e me rasgou quatro posters do Judas Priest. Eu não suportei. E taquei fogo em sua coleção dos Beatles.*

Disponível em: <[www2.uol.com.br/castelorama/export/letras-10.html](http://www2.uol.com.br/castelorama/export/letras-10.html)>. Acesso em: 05 set. 2006.

35- *Estou com uma Sapphire 9600XT há mais de 2 anos, e nesse mês **ela deu pra enlouquecer**. Estava jogando um PES 8 quando começou a apitar o termômetro da PV.*

Disponível em: <[forum.clubedohardware.com.br/lofiversion/index.php/t424308.html](http://forum.clubedohardware.com.br/lofiversion/index.php/t424308.html)>. Acesso em: 20

jul. 2006.

36- *E agora **ela deu pra vir** até aqui e comentar. E aprendeu a fazer isso sozinha.*

Disponível em: <[www.gugagomes.com/archives/2006/06/index.html](http://www.gugagomes.com/archives/2006/06/index.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

37- *Depois que **ela deu pra lavar** a blusinha Ninguém mexe mais com a menininha.*

Disponível em: <[www.seeklyrics.com/lyrics/Os-3-Do-Nordeste/A-Menina-Da-Blusa.html](http://www.seeklyrics.com/lyrics/Os-3-Do-Nordeste/A-Menina-Da-Blusa.html)>.

Acesso em: 20 jul. 2006.

38- *Agora **deu pra "andar" sentada!** Deixo ela num canto no E.V.A. e quando olho ela está meio metro adiante... E continua sentada do mesmo jeito.*

Disponível em: <[mariaclaranobre.weblogger.terra.com.br/](http://mariaclaranobre.weblogger.terra.com.br/)>. Acesso em: 05 set. 2006.

39- *Só que agora a Maria Clara **deu para estranhar** as pessoas.*

Disponível em: <[mariaclaranobre.weblogger.terra.com.br/](http://mariaclaranobre.weblogger.terra.com.br/)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

40- *Deve estar aí pensando: "agora danou de vez, até com micro **ela deu pra falar**".*

Disponível em: <[botandoabocanotrombone.blogspot.com/2005\\_12\\_01\\_botandoabocanotrombone\\_archive.html](http://botandoabocanotrombone.blogspot.com/2005_12_01_botandoabocanotrombone_archive.html)>. Acesso em: 22 jun. 2006.

41- ***Ela deu pra descavar os mortos agora?***

Disponível em: <[cidadaoquem.blogspot.com/2003\\_05\\_04\\_cidadaoquem\\_archive.html](http://cidadaoquem.blogspot.com/2003_05_04_cidadaoquem_archive.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

42- ***O problema é que agora ela deu pra pegar os poucos bichinhos de pelúcia que sobraram no meu quarto e, pior, resolveu seqüestrar o meu Gown!***

Disponível em: <[lucianac.blogspot.com/2004\\_08\\_01\\_lucianac\\_archive.html](http://lucianac.blogspot.com/2004_08_01_lucianac_archive.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

43- ***Agora ela deu pra acordar de madrugada e não quer ficar no berço, aponta para nosso quarto e só consegue me convencer a levá-la para lá com muito choro.***

Disponível em: <[www.vidaarte.blogger.com.br/](http://www.vidaarte.blogger.com.br/)>. Acesso em: 05 set. 2006.

44- ***Agora ela deu pra resmungar a noite toda se a chupeta sai da boca e acorda praticamente de duas em duas horas.***

Disponível em: <[www.dbatalha\\_gravida.blogger.com.br/2004\\_08\\_01\\_archive.html](http://www.dbatalha_gravida.blogger.com.br/2004_08_01_archive.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

45- ***Agora ela deu pra cantar. Tipo Solange mesmo. O dia todo!***

Disponível em: <[www.viji.blogger.com.br/2004\\_03\\_01\\_archive.html](http://www.viji.blogger.com.br/2004_03_01_archive.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

46- ***Ela deu pra exercitar a arte de ser mal-amada, censurando toda e qualquer palavra levemente ofensiva comentada.***

Disponível em: <[z001.ig.com.br/ig/50/31/248991/blig/yes\\_i\\_do/](http://z001.ig.com.br/ig/50/31/248991/blig/yes_i_do/)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

47- ***Bom, mas ela deu pra morder os lábios de baixo e ele fica quase sangrando. Não sei o que fazer, é uma peça rara!***

Disponível em: <[amandagarber.blogspot.com/2006\\_07\\_01\\_amandagarber\\_archive.html](http://amandagarber.blogspot.com/2006_07_01_amandagarber_archive.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

48- ***A Carol ta um baratinho fala tudo e parece uma matraca, agora ela deu pra defender o irmão, quando eu brigo com ele ela fala: "Ai tadinho dele mamãe!"***

Disponível em: <[jarryy.blog.uol.com.br/](http://jarryy.blog.uol.com.br/)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

49- *Agora **ela deu pra aparecer** em outro turno, deve andar com insônia.*

Disponível em: <[sanatorium.blogger.com.br/2005\\_06\\_01\\_archive.html](http://sanatorium.blogger.com.br/2005_06_01_archive.html)>. Acesso em: 22 jun. 2006.

50- *Agora **ela deu pra inventar** que esses acampamentos que eu vou não são de igreja nada, que eu já acampeei sozinha com meu namorado.*

Disponível em: <[minhaloucavida.weblogger.com.br/](http://minhaloucavida.weblogger.com.br/)>. Acesso em: 22 jun. 2006.

51- *Bom, já enrolei muito por hoje, depois eu volto aqui, ou melhor, se a minha mãe deixar eu entrar na net, porque agora **ela deu pra implicar** com o fato de eu virar a noite por aqui.*

Disponível em: <[www.paralerepensar.com.br/josejorge\\_tonico.htm](http://www.paralerepensar.com.br/josejorge_tonico.htm)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

52- ***Você deu pra fumar** maconha agora é?*

Disponível em: <[www.paralerepensar.com.br/josejorge\\_tonico.htm](http://www.paralerepensar.com.br/josejorge_tonico.htm)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

53- ***Você deu pra ler** poesia agora, Irani?*

Disponível em: <[www.anjosdeprata.com.br/aatemas/2005/118noescuro/118luisvalise.htm](http://www.anjosdeprata.com.br/aatemas/2005/118noescuro/118luisvalise.htm)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

54- ***Você deu pra beber**, Manuel? Era o que faltava!*

Disponível em: <[ww.cristovaotezza.com.br/critica/trabalhos\\_acd/f\\_artigos/o%20dialogismo.doc](http://ww.cristovaotezza.com.br/critica/trabalhos_acd/f_artigos/o%20dialogismo.doc)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

55- *Moreas, além de reciclar conversas de ICQ e MSN, agora **você deu pra reciclar** os próprios comentários?*

Disponível em: <[flipper.tipos.com.br/bloco\\_1/item/o-senhor-dos-aneis-iv](http://flipper.tipos.com.br/bloco_1/item/o-senhor-dos-aneis-iv)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

56- *Agora **você deu pra menosprezar** o que eu sinto!?*

Disponível em: <[www.esclerose.blogger.com.br/2005\\_02\\_01\\_archive.html](http://www.esclerose.blogger.com.br/2005_02_01_archive.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

57- *E agora **ele deu pra compará-la** a Elis Regina, o que, na minha opinião, não tem nada a ver.*

Disponível em: <[raulgil.com.br/forum/topico\\_abre.asp?id\\_topico=11356](http://raulgil.com.br/forum/topico_abre.asp?id_topico=11356)>. Acesso em: 20 jul. 2006.



58- *Antes era só musica, agora **ele deu pra baixar** filminho também!*

Disponível em: <[grade01.lncc.br/~lrodrigo/estacio/so/ios4.swf](http://grade01.lncc.br/~lrodrigo/estacio/so/ios4.swf)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

59- *Não me diga que **ele deu pra jogar?***

Disponível em: <[www.propesca.com.br/areas/entretenimento/piadas/Piadas\\_Ler.php?select=57](http://www.propesca.com.br/areas/entretenimento/piadas/Piadas_Ler.php?select=57)>.

Acesso em: 20 jul. 2006.

60- *E **ele deu pra fugir**. O pior é que ele pula que nem gato.*

Disponível em: <[www.petbrazil.com.br/forum/index.php?action=view&id=33499&page=7&PHPSESSID=ff5444114dd0182aae](http://www.petbrazil.com.br/forum/index.php?action=view&id=33499&page=7&PHPSESSID=ff5444114dd0182aae)>.

Acesso em: 20 jul. 2006.

61- *Agora **ele deu pra achar** que eu tenho que tomar prozac. E isto é grave.*

Disponível em: <[http://glamdreams.blogspot.com/2004\\_06\\_01\\_glamdreams\\_archive.html](http://glamdreams.blogspot.com/2004_06_01_glamdreams_archive.html)>.

Acesso em: 20 jul. 2006.

62- *Eu sempre pergunto o que ele fez na escola, e agora **ele deu pra responder** assim:*

*"Bagunça com o Lolo" (Lorenzo).*

Disponível em: <[minhasperipecias.blogspot.com/2006\\_04\\_01\\_minhasperipecias\\_archive.html](http://minhasperipecias.blogspot.com/2006_04_01_minhasperipecias_archive.html)>.

Acesso em: 20 jul. 2006.

63- *Agora, além de misturar religião com governo, **ele deu pra brincar** de Jesus na cruz. Só posso dizer, que além de estar chocada, acho isso tudo muito perigoso.*

Disponível em: <[www.detalhe.blogger.com.br/2006\\_05\\_01\\_archive.html](http://www.detalhe.blogger.com.br/2006_05_01_archive.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

64- *Sim, um suicida, depois de ser leiteiro, ferreiro, príncipe, pirata e elfo, um dramático suicida, e justo nesse filme, **ele deu pra trair** a namorada, e logo com a Mary Jane, namorada do Spider Man, seu par romântico nesse filme, pode?*

Disponível em: <<http://www.valfendaelf.blogger.com.br/>>. Acesso em: 20 jul. 2006.

65- *Defendia ele com unhas e dentes, mas **ele deu pra pisar na bola** comigo.*

Disponível em: <<http://www.palavrasvomitadas.blogger.com.br/>>. Acesso em: 05 set. 2006.

66- *A Ana Elisa agora **deu pra sair** da banheira sozinha quando eu a deixo no banho pra fazer alguma coisa rápida.*

Disponível em: <[www.meustesouros.weblogger.terra.com.br/index.htm](http://www.meustesouros.weblogger.terra.com.br/index.htm)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

67- *“Na escola dizia que tava doente, com dor de cabeça, **deu pra chorar** na sala. Aí as professora mandava pra casa”.*

Disponível em: <[http://www.fnde.gov.br/home/fundescola/estudos\\_pesquisas/serie\\_estudos\\_nr2.pdf#search=%22%22deu%20pra%20chorar%22%22](http://www.fnde.gov.br/home/fundescola/estudos_pesquisas/serie_estudos_nr2.pdf#search=%22%22deu%20pra%20chorar%22%22)>. Acesso em: 05 set. 2006.

68- *Agora ele **deu pra reclamar** gritando.*

Disponível em: <[www.querosermamae.weblogger.terra.com.br/](http://www.querosermamae.weblogger.terra.com.br/)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

69- *Tudo ia bem, até, mas agora ele **deu pra errar** as capitais.*

Disponível em: <[www.morfina.com.br/intravenosa.asp?texto=572&edicao=37](http://www.morfina.com.br/intravenosa.asp?texto=572&edicao=37)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

70- *E agora ele deu pra me ligar toda quarta à noite...*

Disponível em: <[planeta.terra.com.br/arte/mundalua/2002\\_11\\_01\\_planetamenina\\_archive.html](http://planeta.terra.com.br/arte/mundalua/2002_11_01_planetamenina_archive.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

71- *Só que agora **ele deu pra gaguejar**, será que é normal?*

Disponível em: <[www.diariodogui.weblogger.terra.com.br/](http://www.diariodogui.weblogger.terra.com.br/)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

72- *O elevador aqui do prédio **deu pra ter** problemas maníacos-compulsivos agora.*

Disponível em: <[www.leisdemurphy.blogger.com.br/2003\\_10\\_01\\_archive.html](http://www.leisdemurphy.blogger.com.br/2003_10_01_archive.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

73- *O problema é que agora **deu pra fazer** frio.*

Disponível em: <[claryhitz.spaces.msn.com/PersonalSpace.aspx](http://claryhitz.spaces.msn.com/PersonalSpace.aspx)>. Acesso em: 05 set. 2006.

74- *Agora **deu pra esfriar**, finalmente um friozinho.*

Disponível em: <[turolla.weblogger.terra.com.br/](http://turolla.weblogger.terra.com.br/)>. Acesso em: 05 set. 2006.

75- *Ontem tava um super calor mas depois **deu pra chover**. sabado a noite fui comer pizza com o Ricardo, o Nilo, o André e o Dino.*

Disponível em: <[linemel.blogspot.com/2006\\_01\\_01\\_linemel\\_archive.html](http://linemel.blogspot.com/2006_01_01_linemel_archive.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

76- *Agora **deu pra chover** todo o dia.*

Disponível em: <[alelozano.brasilflog.com.br/foto2338821.html](http://alelozano.brasilflog.com.br/foto2338821.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

77- *Caso a enquête esteja com problema (ela deu pra isso), deixe um comentário com uma dessas opções de musica: 1ª Pégasus Fantasy, 2ª Blue Forever.*

Disponível em: <eternalanimes.weblogger.terra.com.br/>. Acesso em: 20 jul. 2006.

78- *Criança quando acha que tá ficando adolescente é um saco né? Minha sobrinha agora deu pra essas coisas, minha mãe preparou o lanche da abençoada, naquela correria de sempre de pôe criança pra almoçar, escovar os dentes e pegar o lanche pra merenda...*

Disponível em: <[www.gilfernandes.f2o.org/etcetal/?cat=7](http://www.gilfernandes.f2o.org/etcetal/?cat=7)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

79- *Eu vivia querendo uma menina, mas em casa só nasceu homem e, graças a Deus, já tão criados e nenhum deu pra veado.*

Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=2968&sid=403>>. Acesso em: 20 jul. 2006.

80- *“Desses dez que nasceram Um deu pra ladrão de bode Deu no tango e deu no mango Dos dez só ficaram nove”.*

Disponível em: <[cifraclub.terra.com.br/cifras/mestre-ambrosio/usina-tango-no-mango-jwjws.html](http://cifraclub.terra.com.br/cifras/mestre-ambrosio/usina-tango-no-mango-jwjws.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

81- *Agora ele deu pra dançarino.*

Disponível em: <[www.heyperva.blogspot.com.br/](http://www.heyperva.blogspot.com.br/)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

82- *Ele agora deu pra não se render ao sono na primeira tentativa.*

Disponível em: <[www.vivaobarrigao.blogspot.com.br/2005\\_02\\_01\\_archive.html](http://www.vivaobarrigao.blogspot.com.br/2005_02_01_archive.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

83- *Ta querendo descontar em alguém, e ela já começou a atirar suas pedras contra minha outra tia que mora aqui comigo, sabe, ela deu pra se importar.*

Disponível em: <[lole.weblogger.terra.com.br/](http://lole.weblogger.terra.com.br/)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

84- *Agora ele deu pra se chegar junto do Brizola pra ficar fazendo intriga, isso aqui tá um verdadeiro inferno!*

Disponível em: <[obarroso.blogspot.com/2005\\_01\\_01\\_obarroso\\_archive.html](http://obarroso.blogspot.com/2005_01_01_obarroso_archive.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

85- *Conversamos sobre filmes e **ele deu pra se interessar** por Física Quântica; dia desses aparece no meu quarto, que era dele, e me pede livros do Dante.*

Disponível em: <[www.enlourecida.blogspot.com.br/2003\\_09\\_01\\_archive.html](http://www.enlourecida.blogspot.com.br/2003_09_01_archive.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

86- *Agora que está gagá **deu pra se meter** em assuntos que não entende.*

Disponível em: <[www.planetaneuws.com.br/?pagina=k/id25](http://www.planetaneuws.com.br/?pagina=k/id25)>. Acesso em: 05 set. 2006.

87- *Depois de seduzi-la por meses até fazê-la reavaliar uma reconciliação, agora **deu pra se fazer de gostoso**, não atender telefonemas.*

Disponível em: <[evoluirefluir.blogspot.com/2005\\_08\\_01\\_evoluirefluir\\_archive.html](http://evoluirefluir.blogspot.com/2005_08_01_evoluirefluir_archive.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

88- ***Deu de correr.***

Disponível em: <[ciberduvidas.sapo.pt/php/resposta.php?id=15136](http://ciberduvidas.sapo.pt/php/resposta.php?id=15136)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

89- *Ainda **deu de voltar pra casa lá pelas tantas** e assistir uns episódios de CSI. E ainda **deu de dobrar toda a roupa!***

Disponível em: <[www.fotolog.net/siejunoca](http://www.fotolog.net/siejunoca)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

90- *O menino **deu de observá-las.***

Disponível em: <[www.euprefiro.blogspot.com.br/index.html](http://www.euprefiro.blogspot.com.br/index.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

91- *Ela reclamava muito dos latidos dos cães, estivessem perto ou longe. Acho que nunca se acostumou. Depois **deu de mudar** de apartamentos devido ao barulho do andar de cima.*

Disponível em: <[www.euprefiro.blogspot.com.br/index.html](http://www.euprefiro.blogspot.com.br/index.html)>. Acesso em: 05 set. 2006.

92- *O vizinho **deu de nos vigiar**; e não dava pra subirmos na mangueira com ele por lá a nos observar.*

Disponível em: <[www.euprefiro.blogspot.com.br/index.html](http://www.euprefiro.blogspot.com.br/index.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

93- *Mais em casa, ele **deu de beber**. Quando bebia, um olhar de animal se estampava em sua. **Deu de examinar-se atentamente ao espelho: aqueles cabelos brancos,***

Disponível em: <[www.ac.gov.br/outraspalavras/outras\\_0/espelhohtml.html](http://www.ac.gov.br/outraspalavras/outras_0/espelhohtml.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

94- Depois Nicolau **deu de** imitar outros parentes, amigos da família que era crente.

Disponível em: <[www.sinomar.com.br/el\\_silas\\_nicolau.asp](http://www.sinomar.com.br/el_silas_nicolau.asp)>

95- E agora ele **deu de** chamar todos de tio e tia. Engraçado que se a pessoa é mais idosa, repete tudo o que falamos e agora **deu de** cantarolar por aí.

Disponível em: <[www.joaopedropimentinha.theblog.com.br/inicial.html](http://www.joaopedropimentinha.theblog.com.br/inicial.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

96- Pois a Rita **deu de** andar sem rumo.

Disponível em: <[www.gargantadaserpente.com/coral/contos/jc\\_chue.shtml](http://www.gargantadaserpente.com/coral/contos/jc_chue.shtml)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

97- Depois de tanto amor, ele **deu de** ficar mal humorado.

Disponível em:

<[www.anjosdeprata.com.br/aatemas/2004/108depoisdoamor/108roselipere.htm](http://www.anjosdeprata.com.br/aatemas/2004/108depoisdoamor/108roselipere.htm)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

98- Ela, dividida, se dividiu em paixões, e **deu de** sair com os dois,

Disponível em: <[www.anjosdeprata.com.br/aatemas/2002/065facadoisgumes/065luisvalise.htm](http://www.anjosdeprata.com.br/aatemas/2002/065facadoisgumes/065luisvalise.htm)>.

Acesso em: 20 jul. 2006.

99- Há pouco mais de um ano, a turma do Barracão **deu de** ter pavor é de homens de terno e de policiais militares.

Disponível em: <[www.terradedireitos.org.br/index.php?pg=conteudo&tema=3&conteudo\\_id=492&tipo=1](http://www.terradedireitos.org.br/index.php?pg=conteudo&tema=3&conteudo_id=492&tipo=1)>.

Acesso em: 20 jul. 2006.

100- Ainda peladinho, sentou-se numa pedra e deu de pensar, de matutar, de procurar, de novo, os caminhos para chegar a mais um plano.

Disponível em: <[www.monica.com.br/mauricio/cronicas/cron279.htm](http://www.monica.com.br/mauricio/cronicas/cron279.htm)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

101- Lula está cada vez mais parecido com collar. além da corrupção, agora **deu de** desdenhar os idosos.

Disponível em: <[zero.tipos.com.br/pagina\\_3](http://zero.tipos.com.br/pagina_3)>. Acesso em: 05 set. 2006.

102- A Geovanna agora **deu de** fazer birra chora quando a gente tira alguma coisa que esta na mão dela,

Disponível em: <[www.geovanna.blogger.com.br/](http://www.geovanna.blogger.com.br/)>. Acesso em: 05 set. 2006.

103-Agora **deu de** tossir pra chamar atenção, posso com isso? ... Agora **deu de** ficar brava, se tiramos algo da mão dela

Disponível em: <[www.diariodogui.weblogger.terra.com.br/](http://www.diariodogui.weblogger.terra.com.br/)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

104-A Luana **deu de** sair la na frente, e ficar esperando as pessoas passarem pra ela dar ... A Luana agora **deu de** tentar atender o telefone antes da gente, ...

Disponível em: <[www.luanaminhaveda.weblogger.terra.com.br/200505\\_luanaminhaveda\\_arquivo.htm](http://www.luanaminhaveda.weblogger.terra.com.br/200505_luanaminhaveda_arquivo.htm)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

105-É que filhote **deu de** gritar lá no berço e nos chamar antes das seis da matina.

Disponível em: <[www.vivaobarrigao.blogger.com.br/2005\\_09\\_01\\_archive.html](http://www.vivaobarrigao.blogger.com.br/2005_09_01_archive.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

106-Victor está muito fofo, agora **deu de** ficar de pé sozinho no carrinho mesmo com o cinto, ninguém segura esse bebê, não dá pra tirar o olho ...

Disponível em: <[blognenelindo.zip.net/arch2006-04-09\\_2006-04-15.html](http://blognenelindo.zip.net/arch2006-04-09_2006-04-15.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

107-Que delícia! Me deu tanta vontade de fazer um piquenique, pena que em São Paulo tem feito um tempo gelado. Hoje **deu de** chover.

Disponível em: <[www.chucrutecomalsicha.com/archives/003842.html](http://www.chucrutecomalsicha.com/archives/003842.html)>

108-Você agora **deu de** ter segredos para mim?

Disponível em: <[www.casadoscontos.com.br/texto.pl?texto=200604474](http://www.casadoscontos.com.br/texto.pl?texto=200604474)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

109-**Deu de** ser teimoso, cínico e preguiçoso. Deu de fazer com que eu me sinta arrependida, impotente e irritada.

Disponível em: <[www.anjosdeprata.com.br/aatemas/2004/108depoisdoamor/108roselipere.htm](http://www.anjosdeprata.com.br/aatemas/2004/108depoisdoamor/108roselipere.htm)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

110-Meu filho mais novo agora **deu de** ser curioso e me perguntar porque no meu tempo as coisas eram tão complicadas.

Disponível em: <[www.jornaldosamigos.com.br/ficcao.htm](http://www.jornaldosamigos.com.br/ficcao.htm)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

111-Vera Fischer (que um dia já teve formas mais voluptuosas e agora **deu de** ser esquelética) e algumas outras que não vou ficar me esforçando para lembrar.

- Disponível em: <[www.depositodamasco.blogger.com.br/2005\\_10\\_01\\_archive.html](http://www.depositodamasco.blogger.com.br/2005_10_01_archive.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.
- 112-*Viu, o Molequinho, agora **deu uma de** fazer greve de fome.*  
Disponível em: <[cobline.wordpress.com/2006/05/page/2/](http://cobline.wordpress.com/2006/05/page/2/)>. Acesso em: 20 jul. 2006.
- 113-*Nenhum motivo especial, apenas me **deu uma de** ficar de saco-cheio!*  
Disponível em: <[www.fuckingdays.weblogger.terra.com.br/](http://www.fuckingdays.weblogger.terra.com.br/)>. Acesso em: 20 jul. 2006.
- 114-*A máquina de lavar roupas pifou e mamãe **deu uma de** pifar junto.*  
Disponível em: <[almadomeusonho.blogger.com.br/2003\\_06\\_01\\_archive.htm](http://almadomeusonho.blogger.com.br/2003_06_01_archive.htm)>. Acesso em: 20 jul. 2006.
- 115-*O carro **deu uma de** não funcionar.*  
Disponível em: <[biaedudu.zip.net/](http://biaedudu.zip.net/)>. Acesso em: 20 jul. 2006.
- 116-*Mais tarde **deu em** chover sem fazer frio nem nada meu amor para te ver quando eu estava de abalada.*  
Disponível em: <[fragmagens.blog.simplesnet.pt/archive/002560.html](http://fragmagens.blog.simplesnet.pt/archive/002560.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.
- 117-*E quando estava botando as suas contas, o nhandu **deu em** patear, a se revirar todo e mal apanhou livre uma perna, priscou e se foi a la cria, (...)*  
Disponível em: <[www.ufpel.tche.br/pelotas/penardevelhos.html](http://www.ufpel.tche.br/pelotas/penardevelhos.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.
- 118-*O **Abrupto** deu em globalizar-se e em começar a subcontratar extensivamente a colaboração dos comentários dos seus leitores.*  
Disponível em: <<http://herdeirodeaecio.blogspot.com/2006/05/globalizacao-do-abrupto-o-abrupto-deu-em.html>>. Acesso em: 20 jul. 2006.
- 119-*O tiago **deu em** nos desassossegar.*  
Disponível em: <[o-manancial-da-noite.weblog.com.pt/arquivo/189707.html](http://o-manancial-da-noite.weblog.com.pt/arquivo/189707.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.
- 120-*Agora **deu em** correr atrás da miúda, pela floresta! ... 'Atão não sabes que este ano o Fantasnorte **deu em** fazer uma retrospectiva das películas do Bôer.*  
Disponível em: <[www.paginadatreta.mgbyte.com/cnt/cnv/fantasnorte.html](http://www.paginadatreta.mgbyte.com/cnt/cnv/fantasnorte.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.
- 121-*Localização ou colocação dos equídeos **deu em** ser assunto do dia.*

Disponível em: <[avenida-dos-aliados-porto.blogspot.com/2005/09/cavalos-e-comunicao.html](http://avenida-dos-aliados-porto.blogspot.com/2005/09/cavalos-e-comunicao.html)>

122-*Durante a gravação do ficheiro, o sacrista **deu em** emperrar, forçou-me a deitar abaixo o sistema, e - puf!, foi a última vez que vi o meu G5 com vida.*

Disponível em: <[fhf.blogspot.com/2006\\_07\\_30\\_fhf\\_archive.html](http://fhf.blogspot.com/2006_07_30_fhf_archive.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

123-*Havia um doutor que tinha uma criada e **deu em ter** tratos com ela.*

Disponível em: <[www.microclimadigital.blogspot.com/](http://www.microclimadigital.blogspot.com/)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

124-*E nesses últimos tempos **deu em ficar** mais triste do que de costume, embora disfarçasse bem, porque a Charlotte começou a namorar com ele.*

Disponível em: <[www.deonizio.com.br/r\\_goethebarrabas.htm](http://www.deonizio.com.br/r_goethebarrabas.htm)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

125-*Ele deu pra beber depois dessa ida pros EUA.*

Disponível em: <[www.flickr.com/photos/evilasio/10977010/](http://www.flickr.com/photos/evilasio/10977010/)>. Acesso em: 20 jul. 2006.